serie
El «otro» Hitler
1

HITLER Y LA IGLESIA

4ª EDICION



HITLER E A IGREJA: A MENTIRA DO ATEÍSMO DE HITLER



O que você realmente sabe sobre a personalidade de Adolf Hitler?

Você já pensou que toda a história que você leu sobre ele foi escrita, única e exclusivamente, pelos vencedores, ou seja, por seus próprios inimigos?

Você já teve a oportunidade de estudar edições objetivas? Você conhece o outro lado da história?

Você realmente conhece o "outro" Hitler?

Mais de 30 anos após a morte de Adolf Hitler, ainda não foi realizado um estudo objetivo de sua personalidade, sua vida e sua obra. O ódio dos vencedores continuam a impedir qualquer tentativa sincera de análise.

Esta série o "OUTRO" HITLER visa aproximar o público em geral, sobre a vida pessoal e modo de ser de personagens históricos, apresentando dados e documentação gráfica inéditos na Espanha.

Os atuais autoproclamados NS, principalmente por ignorância ou má fé, atacam o cristianismo em nome de Hitler e do nacional-socialismo e defendem o paganismo, algo que nunca aconteceu. Esta brochura digitalizada pretende esclarecer a relação entre Hitler e o cristianismo.

“Livros editados por camaradas após a Segunda Guerra Mundial devem ser lidos com certas reservas, pois detectei inúmeros casos de manipulação, como a exclusão de uma nota que favoreceria o cristianismo no livro de Darré, a exclusão de quatro páginas da edição “completa” de “Minha luta” onde o paganismo foi atacado, inventando metade do discurso de Gobbels de 19 de abril de 1945 para incluir uma série de “profecias” que ele nunca mencionou, inventando uma notícia sensacionalista no “New York Times” sobre um tema revisionista que acabou por ser falso, etc, etc. Se lermos a revista histórica “Aspa” ou “Signal”, aí temos o pensamento nacional-socialista. Posso afirmar que concordo com 90 por cento do que foi publicado nestas revistas e que discordo de 90 por cento do que é publicado nas atuais revistas NS, nas quais, juntamente com os temas estrelas judaicas, raças, SS, estão também os ataques ao cristianismo e à defesa do paganismo que não encontramos em nenhum lugar na propaganda do Terceiro Reich [...]”

Fragmento de um discurso de Jorge Mota, histórico dirigente do CEDADE.

PRÓLOGO

As duas primeiras edições desta brochura foram feitas de forma restrita, e a sua publicação deveu-se à Missa para Hitler que foi proibida em Barcelona. Desde então, as proibições continuaram em alguns lugares e dificuldades em realizá-las em outros, dificuldades que afetaram outras personalidades históricas como Benito Mussolini, etc. Mas que em nenhum caso prejudicaram políticos de outras tendências, por mais ateus e anti-religiosos que sejam.

O maior espanto é quando vemos que, embora o fascismo tenha sido o grande prejudicado por essas medidas proibitivas, todos os seus líderes, quase sem exceção, foram católicos, sejam Pavelic (Croácia), Codreanu (Romênia), Hitler (Alemanha), Mussolini (Itália), Degrelle (Bélgica), Tiso (Eslováquia), Pétain (França), Szálasi (Hungria), Salazar (Portugal), José Antonio Primo de Rivera, Franco, Onesimo Redondo, Ramiro Ledesma, etc. e é tão evidente que em alguns artigos, escritores protestantes ou membros de outras confissões religiosas tentaram demonstrar o paralelismo entre catolicismo e "ditadura" com base nos princípios autoritários, hierárquicos e totalitários da Igreja Católica e nos dados acima mencionados.

Talvez alguém esperasse uma reação violenta de grupos neofascistas de todo o mundo ao saber de uma proibição tão surpreendente, mas em assuntos de natureza divina — como a Igreja — meios desonestos não são os mais recomendáveis e ao mesmo tempo o princípio de olho por olho, relacionado a assuntos religiosos, foi rejeitado pelo próprio Hitler quando escreveu no Minha Luta: "Se alguns dignitários da Igreja utilizam instituições e doutrinas para prejudicar os interesses de sua própria nação, seus oponentes nunca devem seguir o mesmo caminho, nem combatê-los com as mesmas armas".

Esta nova edição de "A Mentira do Ateísmo de Hitler" foi ampliada, embora se destine a ser uma síntese, não entra em detalhes de pouca importância. Antes da publicação desta obra, vários livros trataram do assunto, embora sempre se referissem a testemunhos de segunda ordem; funcionários do partido, chefes de bairros ou distritos ou outros de menor importância. Aqui se pretende o contrário. As opiniões citadas são as das mais altas figuras nacional-socialistas e, portanto, constituem uma prova irrefutável. Relutamos em acreditar que se possa pensar seriamente que cada alemão, após um discurso de Hitler, Göring ou Hess, receberia instruções particulares para a interpretação dos discursos, advertindo-o de que o que se dizia sobre a Igreja era falso ou pura propaganda; Uma vez descartada essa absurda possibilidade, não teremos outra escolha senão aceitar o fato de que se as lideranças

nacional-socialistas se expressavam tão claramente sobre esse problema com relação as Igrejas, seus seguidores deveriam seguir logicamente esses princípios, como de fato aconteceu.

Abstivemo-nos de usar todos aqueles textos cuja autenticidade rigorosa não é comprovada. Tudo o que apontamos foi publicamente proclamado ou aceito pelo governo nacional-socialista; Não usamos "documentação secreta" [1] de forma alguma, apesar de hoje em dia ser muito utilizado. Tampouco queremos analisar os processos seguidos contra religiosos ou instituições dessa natureza na Alemanha nacional-socialista (onde se pretende provar a alegada perseguição religiosa), pois todos eles foram devidos à interferência de religiosos na política, e queremos partir do pressuposto básico de que o leitor não concorda com tal comportamento de pessoas religiosas, independentemente da sua crença.

Este trabalho é especialmente dedicado à Igreja Católica, embora "mutatis mutandis" possa ser aplicado a outras denominações cristãs. A documentação utilizada não é exaustiva; mas grandes dificuldades de consulta, devido à perseguição às obras nacional-socialistas na Alemanha democrática de hoje, obrigaram-nos a uma paciente busca de material adequado para esclarecer esta questão, não tendo em nosso poder algumas obras importantes que desapareceram totalmente. Apesar de todo o material e documentação fornecido, ser suficiente. Julgue você mesmo.

[1] Jaime Balmes, "El Criterio", capítulo XI: "As obras póstumas publicadas por mãos desconhecidas ou incertas são suspeitas de serem apócrifas ou alteradas. A autoridade de um ilustre falecido é de pouca utilidade; Não é ele que nos fala, mas o editor, certo de que o interessado não poderá desmenti-lo. — Histórias baseadas em memórias secretas e papéis inéditos, não merecem mais crédito do que aquele devido a quem é responsável pela a obra. — Relações de negociações ocultas de Segredos de Estado, devem ser recebidas com extrema desconfiança".

1- A POSIÇÃO DO PARTIDO EM RELAÇÃO À IGREJA

HITLER

Dado que a presente obra se dirige aos espanhóis, e tendo em conta o seu caráter católico, queremos dar destaque, na medida do seu interesse, à posição do Partido Nacional Socialista e dos seus dignitários em relação à Igreja Católica em particular; É, portanto, de extrema importância conhecer a maneira de pensar de Hitler a este respeito como criador e principal líder da ideologia com que estamos a lidar. Mesmo que suas idéias neste campo não possam ser consideradas extensivas a todo o partido, elas dão uma imagem clara para julgar o mesmo em sua posição em relação à igreja em geral. Considerando que Hitler viveu em um país atolado em lutas, quase mortais entre as duas denominações cristãs, as suas declarações sobre o catolicismo, todas elas públicas, devem ter um valor especial para os católicos interessados.

Evidentemente Hitler era católico. Não se trata de uma herança paterna que deve ser mantida, pois embora fosse católico de nascimento, defendia sua condição como tal com bastante clareza, ainda que isso pudesse reduzir a adesão dos setores protestantes. Assim, em sua vida privada e íntima, Hitler se considerava católico.

Em outro lugar desta obra está reproduzida a ficha de recrutamento de Hitler na qual ele mesmo se confessa como católico, agora é conveniente que conheçamos um texto interessante; é o livro: "Der Bolschewismus von Moses bis Lenin; Zwiegespräch zwischen Adolf Hitler und mir" ("O Bolchevismo de Moisés a Lenin; Um diálogo entre Adolf Hitler e eu") cujo autor é Dietrich Eckart, foi um amigo próximo de Hitler. Este livro foi publicado em 1924 com o consentimento do próprio Hitler e uma vez falecido o autor, portanto, os textos nele contidos, atribuídos a Hitler, podem ser considerados autênticos sem dúvida, alguns deles são os seguintes: (O livro foi escrito sob a forma de um diálogo).

Hitler- Somos ambos católicos, mas não deveríamos dizer isso? Devemos supor que nunca houve nada na Igreja onde se pudessem encontrar falhas?; Precisamente por sermos católicos, que dizemos isso. Sabemos que o catolicismo teria permanecido intacto mesmo se metade da hierarquia tivesse sido constituída por judeus. Um número de homens sinceros o manteve alto, embora muitas vezes apenas em segredo, muitas vezes até contra o Papa. As vezes havia muitos desses homens,

as vezes poucos.

Eckart- Na Rússia, um padre católico atrás do outro é torturado pelas feras judias; centenas já foram liquidados; a Igreja já está dando seu último suspiro; mas Roma não consegue chamar a criatura pelo nome. Muitas vezes ela fez um pequeno começo nessa direção – mas apenas para ser imediatamente esmagada. O catolicismo quer falar, mas o judaísmo paralisa sua língua.

Hitler- Roma se integrará, mas só se integrarmos primeiro. E um dia será possível dizer que a Igreja está inteira novamente. O judeu Weiniger supôs que Cristo tinha sido originalmente um criminoso. Mas, meu Deus, um judeu poderia dizer isso cem vezes, que não tornaria isso verdade... Lutero não deveria ter atacado o catolicismo, mas sim o judeu por trás dele. Em vez de uma condenação total da Igreja, ele deveria ter deixado seu espírito apaixonado cair sobre os verdadeiros ímpios. O cisma da Igreja nunca teria acontecido.

Eckart- Queremos germanismo, queremos o cristianismo genuíno, queremos ordem e propriedade, e queremos essas coisas tão firmemente estabelecidas que nossos filhos e netos possam estar satisfeitos com elas.

Hitler- Nunca foram ditas palavras mais diretas aos nossos corações do que “Não temas!” (Mateus 28:10) E isso foi dito por um judeu? Essas criaturas de medo eterno? Absurdo!

Isto é confirmado pelo testemunho de Heinrich Hoffmann, que era fotógrafo e amigo de Hitler, que explica: “Hitler era tido em alta estima por muitos dignitários da Igreja. O abade Schachleiter o visitava frequentemente para discutir assuntos da Igreja com ele. O mosteiro renano “Maria Laach” era um famoso local de peregrinação; Hitler foi lá e teve uma longa conversa confidencial com o prior. Quanto ao prior do mosteiro de Benz na Francônia, um antigo missionário nas colônias alemãs, mantinha frequentes e instrutivas discussões com Hitler. Um dia, depois de se despedir dele no carro, Hitler suspirou: “É assim que a Igreja manda suas mentes mais brilhantes para o exterior, enquanto nós escolhemos as mais estúpidas”. E prossegue: “Em 1925, percebi que o meu filho devia entrar num internato. Ele tinha nove anos de idade. Consultei Hitler sobre o assunto.

— Leve-o a uma escola religiosa — aconselhou-me — Os conventos ainda são o melhor sistema educacional. Destaco o convento Simbach am Inn, em frente a Braunau; era muito famoso na minha juventude.

Essas palavras me surpreenderam. Hitler não sabia que eu era protestante? No entanto, fiz o que ele me disse e foi ele quem levou meu filho ao convento em sua nova "Mercedes". Ele apresentou-o à Madre Superiora.

— Tente fazer dele um homem, disse ele enquanto saíamos. E na volta ele sugeriu-me:

— Dê uma boa pintura ao convento".



Hitler deixando a igreja de Wilhelmshaven.

Nationale des Buchinhabers.

1. Vor- und Familiennamen: Adolf Hitler

Geboren am 20ten April 1889.

zu Braunau a. Inn

Verwaltungsbezirk Braunau

Bundesstaat: Oberösterreich

2. Stand oder Gewerbe: Kunstmaler

3. Religion: kath.

4. Ob verheiratet: ledig

Kinder:

5. Datum und Art des Diensteintritts: 16. 8. 14. a. Kriegsfreiwilliger

6. Bei welchem Truppenteil (unter Angabe der Kompagnie, Eskadron, Batterie): Rek. D. VI./E.B./2. I.R.

O cartão militar de Hitler, no qual ele declara sua religião católica.



Hitler em homenagem ao marechal Piłsudski cumprimentando o episcopado polonês.

Hoffmann explica também que quando Hitler soube por ele que certas medidas tinham sido tomadas contra a religião por ordem de Bormann, o único líder nacional-socialista anticlerical, ordenou-lhe imediatamente que cessasse esta ação, e ordenou-lhe também que recolhesse um livro no qual Bormann havia compilado todos os documentos que poderiam danificar o nome da Igreja.

Como prova evidente do seu confessionalismo está o fato de até à sua morte ter pago pontualmente o imposto de culto que lhe correspondia como católico.

Durante a Guerra Mundial Hitler levou na sua mala uma edição popular de "O Mundo como Vontade e Representação" de Schopenhauer e os Evangelhos. Segundo o historiador Walter Herbert (comumente contrário a Hitler), quando perguntado pelo Dr. Frank (também católico) o que Hitler tinha lido durante a guerra, ele respondeu: "Quando se vive destinos tão elevados, só se pode ler Homero ou os Evangelhos", acrescentando "Cristo era manifestamente um verdadeiro lutador". Esta resposta, atribuída a Hitler, tem apenas um valor de confirmação uma vez que "testis unus, testis nullus", no entanto julgamos oportuno citá-la.

Mas onde podemos ver suas opiniões sobre o assunto mais publicamente em sua obra Minha Luta:

"A Igreja Católica oferece um exemplo do qual muito pode ser aprendido. No celibato de seus sacerdotes está a necessidade obrigatória de sempre recrutar as gerações do clero entre as classes do povo e não entre as suas próprias fileiras. Mas é precisamente este aspecto da instituição do celibato que muitas vezes não é apreciado no seu verdadeiro significado. Ao recrutar sem interrupção o imenso exército dos seus dignitários eclesiásticos de entre os estratos mais baixos do povo, a Igreja não só mantém a sua união instintiva com a atmosfera do sentimento popular; ela também assegura para si própria a soma de vigor e energia que será encontrada eternamente entre a massa do povo. A Igreja Católica tira daí a sua extraordinária vitalidade, sua flexibilidade intelectual e a sua vontade de aço".

Em outra parte do livro, ele continua a citar a Igreja Católica como um exemplo extraordinário e diz:

"Também aqui a Igreja Católica deveria servir-nos de exemplo, pois, apesar de seu corpo de doutrina estar em conflito em muitos pontos - parcialmente desmotivada - com o estudo das ciências exatas e da investigação, ela nunca se resignou a sacrificar uma vírgula do conteúdo da sua doutrina. Com muita sabedoria, ela reconheceu que seu poder de resistência não consiste em uma

maior ou menor harmonia com as conquistas científicas do momento, sempre variáveis, mas na insistência da defesa dos dogmas que, em conjunto, expressam o caráter da fé. Pode-se mesmo profetizar que como os fenômenos imprevisíveis desafiam e continuarão a desafiar as leis científicas em constante mudança, será cada vez mais o pólo de tranquilidade para o qual conquistará a adesão de inúmeros seres humanos”.

Já de forma geral, ou seja, não se limitando exclusivamente à Igreja Católica, mas à própria Religião, o livro Minha Luta continua a conter pontos fundamentais sobre o assunto em questão:

“Um líder político não deve se envolver nas questões religiosas de seu povo - escreve Hitler - porque se o fizesse não seria mais um político, mas um reformador, supondo que tivesse condições para sê-lo”, “As instituições e doutrinas religiosas devem ser respeitadas pelo líder político como invioláveis” e posteriormente “a luta contra os dogmas em si parece muito, nestas condições, à luta contra as bases jurídicas do Estado; E assim como essa luta terminaria em completa anarquia, a luta antidogmática terminaria em um niilismo inútil”.

A obra não está, contudo, isenta de críticas e, assim, Hitler queixa-se de que “as nossas duas confissões cristãs” mantêm “missões na Ásia e na África, com o objetivo de conquistar novos prosélitos, ou seja, empenhados numa atividade com resultados modestos contra o progresso que o maometismo faz lá “e em vez disso” perdem na própria Europa milhões e milhões de seguidores convictos que se tornam absolutamente indiferentes à vida religiosa ou seguem seu próprio caminho. Acima de tudo, do ponto de vista moral, são consequências muito desfavoráveis”. Mas para esclarecer a missão do político diante desses erros, ele diz que “se o ensino religioso e a fé são benéficos para as camadas mais extensas, então a autoridade incontestável contida nessa fé deve ser o fundamento de toda ação efetiva”.

A situação especial representada pela divisão da Alemanha em duas confissões igualmente poderosas faz com que Hitler dedique extensos comentários sobre o assunto nos quais diz que fundamentalmente, cada um deve se posicionar corajosamente contra aqueles que, possuem unicamente o propósito de obter benefícios para sua própria confissão e, esquecem os mais elementares deveres de convivência, precipitando a nação e a raça na ruína [2]; Mesmo deixando claro que essa posição deve ser tomada dentro da própria confissão, ele insiste em acabar com uma luta que só aumenta o cisma existente. Para concluir, ele diz:

“A situação da Igreja na Alemanha não permite qualquer comparação com a França, Espanha ou Itália. Em todos esses países, por exemplo, a luta contra o clericalismo ou contra o ultramontanismo pode ser propagada sem correr o risco de que esse esforço resulte em uma dissociação dentro do povo francês, espanhol ou italiano. Tal coisa seria impossível na Alemanha, porque certamente os protestantes logo interfeririam na luta. Uma crítica que em outros países seria apoiada exclusivamente por católicos contra interferências de natureza política cometidas pelos dignitários de sua própria Igreja, na Alemanha assumiria de fato o caráter de uma agressão do protestantismo contra o catolicismo”.

[2] Ver Minha Luta, cap. X, parte dois.

A última questão — importante, claro — abordada por Hitler em Minha Luta, relacionada às questões religiosas, é a da interferência da religião na política e vice-versa. Falando do pangermanismo que dirigiu toda a sua força contra a Igreja Católica, Hitler afirma:

“Sua luta contra uma confissão particular - contra Roma - foi errada em princípio e taticamente falsa”. Em outro lugar comenta a ineficácia da ingerência política na Igreja, comentando que “aqueles que no ano de 1924 acreditavam que a luta contra o “ultramontanismo” era a tarefa suprema do movimento völkisch, não destruíram o ultramontanismo, mas destruíram o movimento völkisch”. E, em linhas gerais, explica que “o pior é o desgaste causado pelo mau uso da convicção religiosa para fins políticos. Nunca se pode ser demasiado excessivo quando se é confrontado com os miseráveis dirigentes que querem ver a religião como um meio para servir os seus interesses e assuntos políticos. E esses mentirosos afirmam a profissão de fé para o mundo em voz alta, mas por uma simples conveniência política do valor correspondente, eles venderiam toda a sua fé. Por dez assentos parlamentares eles se aliariam aos marxistas, inimigos mortais de todas as religiões, e por uma cadeira ministerial, chegariam ao ponto de fazer um pacto com o diabo, contanto que ele não retenha nenhum traço de decência” e, é por isso que “a vida religiosa na Alemanha antes da guerra tinha adquirido para muitos um gosto desagradável” já que havia “um partido católico chamado “cristão” e devido à impudência com que tentavam identificar a religião católica com um partido que também era católico” e, é por isso, na página 379 do Minha Luta podemos ler:

“Seu propósito não é uma reforma religiosa (ele se refere ao Partido Nacional-Socialista), mas uma reorganização política de nosso povo. Ele vê nas duas confissões religiosas o precioso sustento para a conservação de nosso povo” e termina dizendo que o partido luta contra aqueles partidos políticos que pretendem fazer da religião mais um argumento em sua luta.

Até agora, tudo está contido no Minha Luta. Mas para mostrar que sua posição foi inabalável ao longo dos anos, e que não mudou com o tempo, seja na luta pelo poder, seja uma vez conquistado, seja nos anos de triunfo ou de derrota, vamos oferecer alguns extratos de seus discursos.

Em 12 de abril de 1922, no início de sua carreira política, antes mesmo de escrever o Minha Luta, disse em discurso: “Meu sentimento cristão me aponta para meu Senhor e Salvador como um lutador. Ele me aponta para um homem que uma vez, sozinho, cercado por apenas alguns seguidores, reconheceu esses judeus e apelou a uma luta contra eles, e que, o verdadeiro Deus, não foi o maior dos mártires, mas o maior entre os lutadores! Com amor ilimitado, como cristão e como homem, que leio nos onde diz que o Senhor arregaçou as mangas e pegou o chicote, para expulsar os usurários do templo, crias de víboras e serpentes! Reconheço sua gigantesca luta por este mundo contra o espírito judaico, depois de dois mil anos, com a mais profunda emoção e ainda mais força porque foi crucificado por isso. (Profunda agitação no local) Como cristão não tenho o dever de me deixar esfolar, mas tenho o dever de ser um lutador da verdade e do direito”. Um ano depois, em 30 de abril de 1923, disse: “Queremos evitar que nossa Alemanha sofra, como o Escolhido sofreu na Cruz”.

Continuou mantendo essa atitude até chegar ao poder e então, em 1º de fevereiro de 1933, ou seja, no dia seguinte à sua nomeação como chanceler, finalizou um manifesto destinado a determinar as bases fundamentais do novo Estado, com estas palavras:

“Fiéis à ordem do Marechal, estamos prontos para começar o trabalho. Que Deus conceda sua graça ao nosso trabalho, dirija nossa vontade corretamente, abençoe nossas intenções e nos encha da confiança de nosso povo. Não lutamos pelo nosso próprio interesse, mas pela Alemanha!”.

E no primeiro discurso de Hitler no Reichstag, em 21 de março de 1933, na igreja da guarnição de Potsdam, dirigindo-se ao marechal Hindenburg, o Führer terminou dizendo:

“Que a Providência nos conceda também a coragem e a perseverança que sentimos ao nosso redor neste lugar sagrado para todos os alemães, homens que lutam pela liberdade e grandeza de nosso povo, reunidos aos pés do túmulo do maior de seus reis”.

Pouco depois, em 1º de maio do mesmo ano, falando diante de dois milhões de trabalhadores alemães, disse:

“Sabemos que ainda temos que superar grandes dificuldades. Sabemos também que todo trabalho humano deve, em última análise, ser inútil se a bênção da Providência não resplandecer sobre ele. Mas não estamos entre aqueles que deixam tudo confortavelmente para a próxima vida. Nada nos é dado como presente. Não imploramos ao Todo-Poderoso: “Senhor, liberta-nos”. Queremos ser ativos, trabalhar, tratar-nos como irmãos, lutar juntos, para que um dia chegue o momento em que possamos nos apresentar diante do Senhor e pedir-lhe “Senhor, vês, nós mudamos”. O povo alemão não é mais um povo sem honra, sem vergonha, da anarquia, da falta de coração e da incredulidade. Não, Senhor, o povo alemão está mais uma vez forte em sua vontade, forte em sua perseverança, forte para suportar todos os sacrifícios. “Senhor, nós não nos afastamos de Ti! Abençoe a nossa luta pela nossa liberdade e, portanto, pelo nosso povo e pela nossa pátria”.





Hitler saúda o abade católico Schachleiter e o bispo protestante Müller na galeria de honra dos Congressos do Partido em Nuremberg.



Os membros da Juventude Hitlerista partem para receber a Crisma em uma igreja protestante.



Hitler recebe Monsenhor Orsenigo, Núncio Apostólico em Berlim, no Ministério da Propaganda, em 1933.

Alguns meses depois, em 24 de outubro de 1933, ele tratou novamente com padres políticos dizendo:

"... E sobretudo, tirar os padres da baixeza da luta político-partidária, trazê-los de volta à Igreja. É nossa vontade que nunca voltem a um terreno que não foi criado para eles, que os degrada e os obriga a confrontar-se com milhões de homens, que no fundo querem ser crentes, e que gostariam de ver padres que servem a Deus e não a um partido político".

E no ano seguinte, coincidindo com o primeiro aniversário da ascensão ao poder do nacional-socialismo, depois de constatar que foi ele quem libertou a Igreja do materialismo marxista, acrescentou:

"Com o acordo do novo Estado com as duas confissões cristãs, possuidor do desejo de assegurar os grandes valores morais, espirituais e religiosos enraizados nas duas confissões cristãs, eliminamos as organizações políticas, mas fortalecemos as instituições religiosas. Pois um pacto com o Estado Nacional-Socialista cheio de força, é mais valioso para uma igreja do que a luta das associações políticas confessionais que, na sua política de compromisso baseada na coligação, devem sempre pagar vantagens pessoais aos membros do partido com o abandono ideal de uma educação religiosa

realmente profunda do povo. Todos nós, no entanto, vivemos na esperança de que a fusão das igrejas e confissões evangélicas nacionais em uma Igreja evangélica do Reich acalme os anseios daqueles que pensavam que deveriam temer um enfraquecimento da força do próprio credo evangélico".

Em 27 de agosto do mesmo ano, ele insistiu novamente no problema da separação entre Igreja e Estado, dizendo:

"Não nós, mas aqueles que nos precederam, distanciaram-se dele (Cristianismo). Fizemos apenas uma separação clara entre a Política, que tem que lidar com as coisas terrenas, e a Religião, que deve lidar com o Sobrenatural".

Em Berlim, em 21 de maio de 1935, ele disse:

"E quanto mais sérias forem essas resoluções, mais eu gostaria, como alemão, de desvincular minhas ações de qualquer instinto de fraqueza ou medo e colocá-las de acordo com minha consciência diante de meu Deus e o povo a quem Ele me faz servir". E no Congresso de Nuremberg do mesmo ano ele disse: "Nossas catedrais são os testemunhos eternos de nossa grandeza passada".

Em 7 de Março de 1936 disse ele, falando sobre o comunismo:

"Não são apenas as concepções humanas, econômicas e políticas gerais que desmoronam e enterram seus representantes, seus partidos, suas organizações e seus Estados sob eles; é um mundo de concepções metafísicas que desmorona; Deus é destronado, religiões e igrejas são exterminadas, a vida após a morte é brutalmente dispensada e um mundo cheio de tormentos é proclamado como a única coisa existente".

E no Congresso de Nuremberg no ano seguinte ele disse:

"Para nós, a certeza do sábio provérbio que diz: "Muitas vezes o profundo amor da Providência para com suas criaturas também se manifesta por um castigo"... Que o Todo-Poderoso nos ajude no futuro, como Ele tem feito até agora".

E já na guerra, após a campanha na Polônia, como Führer da nação mais poderosa do mundo, encerrou seu discurso no Reichstag em 6 de outubro de 1939 com as seguintes palavras:

"Como Führer do povo alemão e chanceler do Reich, neste momento só posso agradecer a Deus por ter me dado sua milagrosa bênção em nossa primeira e

árdua luta por nossos direitos, e pedir-lhe que nos ajude a encontrar o verdadeiro caminho, assim como todos os outros, para que não só o povo alemão, mas toda a Europa possam desfrutar de uma nova felicidade em paz".

Algum tempo depois, em 30 de janeiro de 1940, ele disse:

"...Então ele entrou na luta e realizou prodígios de heroísmo e a Providência sustentou nosso povo. A Alemanha então deu testes prodigiosos de força. Era manifesto que ela tinha a bênção da Providência".

Em 30 de janeiro do ano seguinte ele insistiu na mesma coisa quando disse:

"E quando finalmente dizem: "Sim, mas os erros que cometem". Meu Deus, quem é que não comete falhas? Esta manhã li que um ministro inglês - não sei qual - calculou através de um procedimento especial que no ano passado, portanto em 1940, cometi 7 falhas - 7 falhas! O homem se equivocou. Revisei a conta novamente e não cometi 7 falhas, mas 724. Mas continuei contando e descobri que meus oponentes cometeram 4.385.000. Você pode acreditar em mim, eu calculei exatamente. Continuaremos a falhar. Se este ano eu cometer tantos como no passado, no final darei graças a Deus de joelhos... Que o nosso desejo hoje seja que esta ideia seja preservada em toda a sua força e a nossa oração para que Deus não nos abandone na luta do próximo ano...".

Em 24 de fevereiro do mesmo ano, ele disse ao final de seu discurso:

"Luto por este povo alemão e estou convencido de que, assim como a Providência abençoou esta luta antes, também a abençoará no futuro". Declarando em 4 de maio "O povo alemão acompanhará seus soldados com toda a fé. Ele sabe que esta guerra se deve apenas à capacidade de alguns belicistas internacionais e o ódio das democracias judaicas, que a alimentam. Esses criminosos rejeitaram todas as ofertas de paz alemã, porque isso contraria seus interesses capitalistas. Mas aquele que com esta atitude satânica ainda se atreve a colocar na boca a palavra Deus, blasfema contra a Providência... Quando voltamos o olhar para o Todo-Poderoso, Condutor dos destinos da Humanidade, agradecemos-lhe especialmente por ter possibilitado tão grandes triunfos à custa de tão pouco sangue".

E por ocasião do início das hostilidades entre a Rússia e a Alemanha, ele terminou seu discurso em 22 de junho de 1941 com as palavras:

"O Todo-Poderoso nos ajudará em nossa luta particularmente importante".

Em seu discurso de 11 de dezembro, no qual a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos, ele disse:

“Para demonstrar quais foram os verdadeiros propósitos da agressão russa, agora temos um material autêntico verdadeiramente impressionante. Dada a magnitude daquele perigo que só hoje percebemos em toda a sua magnitude, só posso agradecer a Deus por ter me protegido naquela hora crítica e ter me dado a força necessária para fazer o que tinha que ser feito... O Senhor quis tanto nos favorecer nos últimos anos que cheios de gratidão nos curvamos diante da Providência. Agradecemos a Deus que ele tornou possível para as futuras gerações do povo alemão nos registrar com toda honra no livro eterno da história alemã”.

Apenas alguns dias depois, em 31 de dezembro, ele terminou dizendo: “Que Deus nos ajude no ano que se inicia” e em seu discurso ao povo alemão no mesmo dia, suas últimas palavras foram: “Ao passarmos o presente ano, voltamo-nos para o Todo-Poderoso e pedimos-lhe que dê ao povo alemão e aos seus soldados a força necessária para poder fazer com entusiasmo e coragem tudo o que for necessário para assegurar a nossa liberdade e o nosso futuro. Se todos nós fielmente unidos cumprirmos nosso dever, o destino nos trará o que a Providência decidiu. O ano de 1942 trará, e por isso rogamos ao Todo-Poderoso, a decisão que salvará a nossa Pátria e as outras nações aliadas a nós”.

Apenas 30 dias depois, em 30 de janeiro de 1942, suas palavras finais foram:

“E Tu, Senhor, dá-nos força para defender a nossa liberdade, o nosso povo, os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos; e não só o nosso povo alemão, mas também os outros povos da Europa”.

Em seu discurso de 26 de abril de 1942, ele mais uma vez agradeceu a Deus por sua ajuda com as palavras:

“Quero fazer uma oração ao Todo-Poderoso: que ele nos abençoe no futuro como nos abençoou no passado e que ele preserve minha vida enquanto achar necessário para levar a luta decisiva do povo alemão a uma conclusão bem sucedida”.

Já no início da derrota, em seu tradicional discurso dirigido aos camaradas dos primeiros tempos, em 9 de novembro de 1943, disse:

“Hoje temos que prometer que o passado nunca se repetirá, que não perderemos a cabeça em dias de máxima felicidade, nem nos desesperaremos

se a Providência nos testar de tempos em tempos... Finalmente, gostaria de dizer àqueles que me falam de religião que, eu também sou um espírito religioso, profundamente religioso, e que acredito que a Providência pesa os homens e não pede grandes coisas àqueles que, incapazes de resistir aos julgamentos, sucumbem a eles.... O povo alemão, como eu o conheço, em todos os seus aspectos, é, graças a Deus, tão forte e saudável como um carvalho. A Providência achou por bem conceder-nos a sua graça. Quantos sucessos alcançamos, quantas vitórias magníficas conseguimos alcançar, tendo conseguido mudar radicalmente, em poucos anos, uma situação quase desesperadora em nosso país e nosso Estado, devemos-lhe. Devemos agradecê-la por ter conseguido levar nossos Exércitos para longe de nossas fronteiras e a ela que conseguimos dominar situações tão críticas como a produzida com o colapso da Itália. Seremos nós, depois disto, tão miseráveis a ponto de duvidar da Providência e nos desesperar? Curvo-me com gratidão diante do Todo-Poderoso que nos concedeu tantos favores e que não nos enviou provas ainda mais duras, como ter que lutar em solo alemão, mas que quis que, perante um mundo superior em força, pudéssemos levar a batalha para além das fronteiras do Reich".

Poucos meses depois, em 30 de janeiro de 1944, disse:

"...Por isso, quanto maiores as preocupações hoje, mais alto o Todo-Poderoso estimará, julgará e recompensará aqueles que, diante de um mundo de inimigos, hastearam a bandeira em suas mãos leais e avançaram resolutamente com ela".

O ano de 1945 havia chegado, e quando não podia alimentar nenhuma esperança de vitória, a menos que ocorresse um evento inesperado, ele insistiu no que havia dito em seus discursos anteriores com as palavras:

"Não posso terminar este discurso sem agradecer ao Altíssimo pela ajuda que ele prestou incansavelmente à liderança e ao povo alemão, bem como pela energia que ele nos deu para sermos mais fortes que a necessidade e o perigo", e trinta dias depois, em 30 de Janeiro de 1945, ele disse: "O Todo-Poderoso criou o nosso povo, de tal forma que, defendendo a sua existência, defendemos também a sua obra. Constituindo-nos como uma comunidade juramentada, poderemos apresentar-nos com justiça perante o Todo-Poderoso e implorar a Sua graça e bênção".

Também o último discurso de Hitler, que chegou à nossa posse, está cheio de referências ao Todo-Poderoso, como ele disse em 24 de Fevereiro de 1945:

“Diante da aniquilação Judaico-Bolchevique e de seus assassinos na América e na Europa Ocidental, há apenas um imperativo: pôr em ação com extremo fanatismo e amarga integridade até as últimas forças que um Deus bondoso permite que o homem encontre em tempos graves para a defesa de sua vida. Nossa vontade inabalável deve ser, portanto, pensar na Alemanha em nosso último suspiro, todos, homem e mulher, e até mesmo a própria juventude, na cidade e no campo, obedecer apenas ao imperativo de contribuir com tudo para libertar nosso povo desta situação e, acima de tudo, de nunca se desviar do caminho da construção de um povo indomável, livre de toda a ideologia de classe, superando todos os preconceitos doentios de casta e penetrados pela convicção de que os valores eternos de um povo se encontram nos melhores filhos que, independente de nascimento ou descendência, como um Deus bondoso nos deu, devem ser selecionados, educados e utilizados em sua devida posição”.

Paralelamente a esses fragmentos de discurso que tratam superficial e abstratamente do problema religioso, Hitler também dedicou alguns longos parágrafos ao problema. Dois em particular são os discursos em que ele trata longamente o problema, o de 23 de março de 1933 e o de 30 de janeiro de 1939. O primeiro deles pronunciado ao Reichstag logo após chegar ao poder, tem alguns fragmentos interessantes como o seguinte: “As vantagens de natureza política pessoal que podem resultar de compromissos com organizações ateístas não compensam, de longe, as consequências se evidenciam na destruição dos valores morais de todos. Sim o Governo Nacional vê nas duas confissões cristãs os fatores mais importantes para a manutenção do nosso povo. O Governo Nacional respeitará os compromissos assumidos entre eles e os países. Seus direitos não serão restritos. A preocupação do Governo é a colaboração sincera entre a Igreja e o Estado; a luta contra uma ideologia materialista em favor de uma verdadeira comunidade popular que sirva tanto aos interesses da nação alemã quanto ao bem de nossa fé cristã. Da mesma forma, o governo do Reich atribui grande importância às suas relações amistosas com o Vaticano, vendo no cristianismo o fundamento inabalável da moralidade e da virtude popular”. Como pode ser visto facilmente, essas opiniões coincidem com as expressas em Minha Luta e mencionadas anteriormente.





Membros de uma divisão ucraniana das SS na Missa católica da Frente Oriental em campanha no Verão de 1942.



Cerimônia religiosa para membros da organização SA.

Em 30 de Janeiro de 1939 referiu-se aos ataques, que já haviam ocorrido, e que pretendiam demonstrar que o Estado nacional-socialista era inimigo de qualquer religião: “Uma das acusações levantadas contra nós nas chamadas democracias é que a Alemanha Nacional-Socialista é um Estado inimigo da religião. Em resposta a esta declaração, gostaria de fazer a seguinte declaração solene perante todo o povo alemão:

“Primeiro- Na Alemanha ninguém foi perseguido até agora, nem será perseguido, por causa de suas convicções religiosas.

“Segundo- Desde o ano de 1933, o Estado Nacional Socialista colocou à disposição das duas igrejas, católica e protestante, as seguintes somas:

durante o período orçamentário de 1933, cento e trinta milhões de marcos; em 1934, cento e setenta milhões; em 1935 250 milhões, 320 milhões em 1936, 400 milhões em 1937 e finalmente 500 milhões de marcos em 1938. Além destes valores, as Igrejas receberam anualmente 85 milhões de marcos dos vários países alemães e sete milhões dos municípios.

"Deve-se notar também que as Igrejas, depois do Estado, são as maiores proprietárias de terras na Alemanha. O valor destas propriedades ultrapassam os dez milhões de marcos e as rendas por eles produzidas são estimadas em mais de trezentos milhões anuais; a que se devem somar inúmeras doações e legados, e sobretudo os resultados das coletas feitas nas igrejas. Finalmente, as Igrejas do Estado Nacional Socialista estão isentas de todos os impostos.

"Para dizer a verdade, é uma mentira indescritível afirmar, como fazem certos políticos estrangeiros, que o Estado Nacional Socialista é o inimigo de toda a religião; mas se as Igrejas consideram a situação em que se encontram hoje como verdadeiramente insuportável, o Estado Nacional Socialista não terá qualquer objeção à separação definitiva entre Igreja e Estado, como já foi feito na França, América e outros países.

"Gostaria apenas de formular a seguinte pergunta: Quais são as quantias que a França, a Inglaterra ou os Estados Unidos deram às suas respectivas Igrejas a partir de fundos públicos durante esse mesmo período de tempo?

"O Estado Nacional-Socialista não fechou nenhuma Igreja, nem impediu o exercício de nenhum culto, nem jamais tentou influenciar de forma alguma a liturgia ou qualquer credo, seja ele qual for.

"No Estado Nacional Socialista, cada um é livre para se preparar para a eternidade da maneira que achar melhor; Mas o próprio Estado não pode deixar de tornar claro aos clérigos que vêem como missão ferir o Reich, as suas instituições e os seus líderes, que não tolerará ninguém que o ataque, e que se os clérigos estiverem fora da lei estarão sujeitos ao Estado de direito, tal como qualquer outro cidadão que tenha cometido a mesma ofensa. Deve-se notar, no entanto, que existem milhares de sacerdotes das confissões cristãs que cumprem imbativelmente, e talvez melhor, seus deveres religiosos do que os outros instigadores políticos a que me referi, e sem nunca terem entrado em conflito com as leis do Estado.

"Em conclusão, o Estado protege aqueles que vivem de acordo com as suas leis, que é uma das suas missões mais importantes; mas será obrigado a

proceder - e terá o dever de o fazer - contra aqueles que acreditam poder atacá-lo.

"Se certos estadistas democráticos no exterior assumem responsabilidade exagerada pela defesa de certos padres alemães, isso só pode responder a uma razão política, já que esses mesmos estadistas ficaram calados quando centenas de milhares de eclesiásticos foram exterminados na Rússia, igualmente calados quando na Espanha dezenas de milhares de sacerdotes e religiosos foram assassinados ou queimados vivos; enquanto, como resultado desses massacres, numerosos voluntários nacional-socialistas e fascistas se colocaram à disposição do general Franco, a fim de preservar a Europa de qualquer nova expansão da ameaçadora onda de sangue bolchevique.

"A Alemanha participou do conflito espanhol precisamente para salvar a cultura europeia e a verdadeira civilização do perigo da destruição bolchevique, e apoiou o movimento do general Franco apenas pelo desejo ardente de vê-lo conseguir libertar a Espanha de um perigo que, por sua vez, ameaçou sucumbir à própria Alemanha.

"Não é, portanto, a simpatia ou piedade por religiosos "perseguidos" que pode ter provocado o interesse dos cidadãos de certos Estados democráticos em favor de alguns padres alemães que se colocaram à margem da lei, mas sim para apoiar aqueles que se opõem ao Estado alemão. É necessário, portanto, enfatizar, mais uma vez, que sempre protegemos o eclesiástico, servo de Deus, mas teremos que proceder contra aqueles que por sua conduta se convertem em inimigos políticos do Reich".

Até agora as opiniões de Hitler são em nossa opinião e de longe as mais importantes, mas não podemos esquecer as inúmeras evidências que as sustentam.

O PARTIDO E SUAS ORGANIZAÇÕES

A opinião do partido está refletida no ponto 24 do seu programa que diz:

"Exigimos liberdade para todas as denominações religiosas dentro do Estado, desde que não representem um perigo para ele e não militem contra os sentimentos morais da raça alemã". [3] "O partido defende, na qualidade de tal, a ideia de cristianismo positivo, mas não se compromete, em matéria de credo, com nenhuma confissão particular. Ele combate o materialismo judaico infiltrado entre nós e está convencido de que nossa nação alcançará saúde

permanente apenas dentro de si mesma e através da aplicação do princípio do "interesse comum antes do interesse próprio".

A fim de evitar interpretações errôneas dos pontos programáticos nacional-socialistas, foi publicada uma pequena obra intitulada "Das Programm der N.S.D.A.P.". und seine weltanschaulichen Grundgedanken" cujo autor, Gottfried Feder, teórico do partido, esclareceu, ponto a ponto, qualquer dúvida possível. Sobre o problema das relações do Estado com as Igrejas, disse:

"V. Do ponto de vista da cultura: o nosso objetivo é o avanço da ciência e das artes plásticas com base num Estado politicamente livre. Isto será possível graças a:

"26.— A educação que deverá formar homens com admirável saúde física e espiritual, tudo baseado na grande tradição alemã.

27.— Plena liberdade religiosa, plena liberdade de pensamento.

28.— A proteção das confissões religiosas.

29.— A supressão e proibição de confissões que ofendam o sentimento da moral germânica e que difundam doutrinas subversivas, desastrosas para o Povo e o Estado.

30.— A proibição de livros, periódicos, representações teatrais, obras de arte e filmes, que exerçam influências nocivas".

O último ponto refere-se à reorganização dos "meios de comunicação de massas", que é agora tão importante para a Igreja.

Feder insiste novamente e escreve no trabalho acima mencionado: "Nunca é demais sublinhar que o N.S.D.A.P. está longe de atacar a religião cristã e os seus dignos servos.

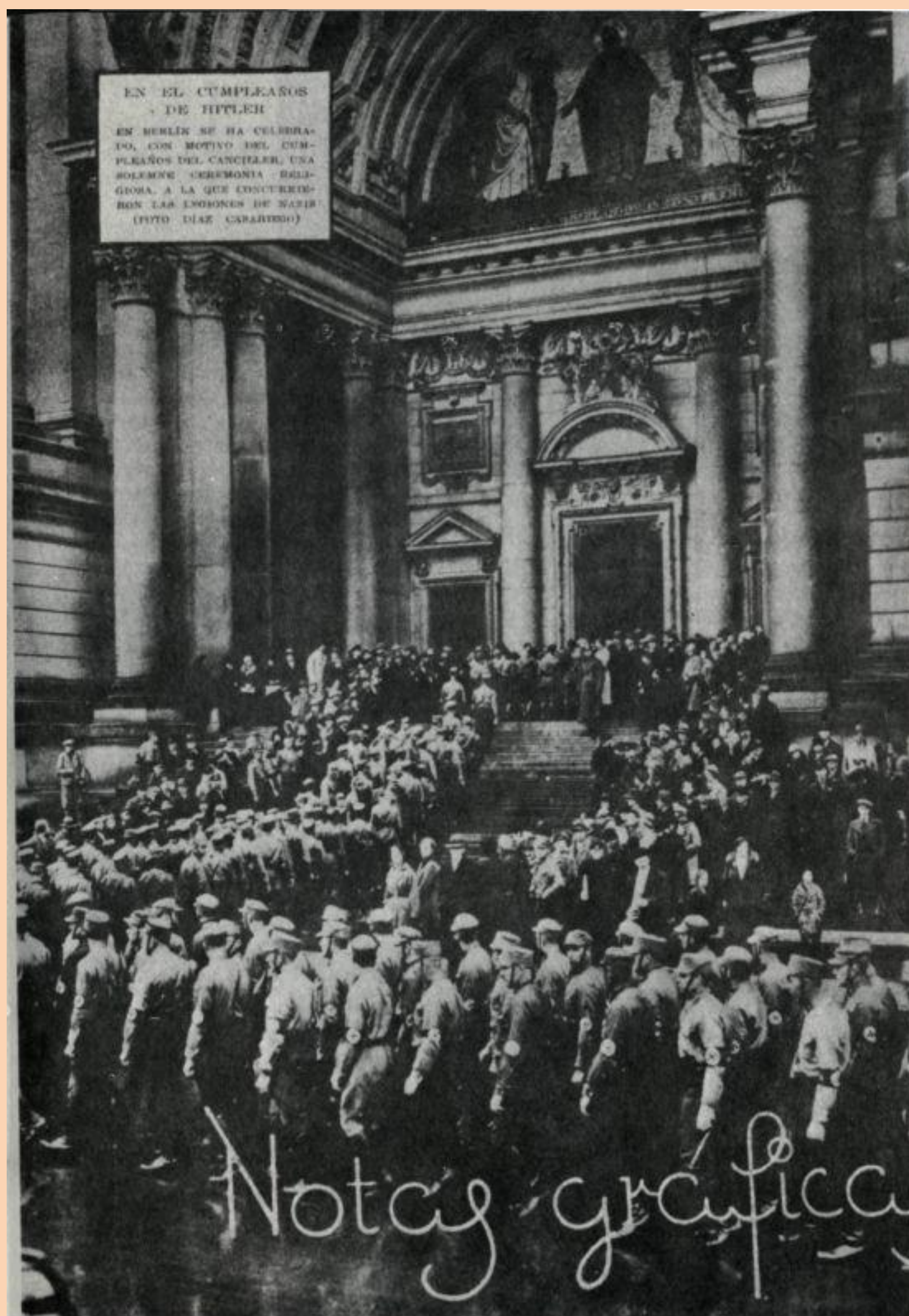
[3] Este parágrafo não se refere de forma alguma às confissões cristãs, mas a organizações como "Testemunhas de Jeová" ou também à religião judaica. Ver a este respeito "Wesen, Grundsätze und Ziele der NSDAP", de A. Rosenberg, p. 57.



O “Bispo do Reich” Müller em um discurso (III-1934).



Congresso da Juventude Fascista na Bélgica (agosto de 1935). 100.000 participantes saúdam a passagem das autoridades eclesiásticas com os braços levantados.



No aniversário de Hitler. Em Berlim, por ocasião do aniversário do chanceler, foi realizada uma solene cerimônia religiosa, com a presença de legiões nacional-socialistas.



O Führer é homenageado pelo corpo diplomático em 1935. Na foto, com Monsenhor Orsenigo.

“Certamente atacamos com a maior fúria as políticas do Centro e do Partido Popular da Baviera que são prejudiciais para o povo, e que sempre levantam um grito de alarme de “a religião está em perigo”, exceto quando fazem negócios políticos com a social-democracia ateísta que nega Deus.”

“Precisamente porque o relacionamento do homem com Deus, seu Senhor, é tão elevado e sagrado para nós, que nos opomos que a religião seja arrastada para a lama da luta política diária”.

Mais adiante, ele diz: “Expressões como 'o cristianismo só fez mal' mostram, na melhor das hipóteses, que o indivíduo em questão não tem tato político ou humano.

“É justo que a Igreja politizada seja julgada, que os melhores cristãos desaprovem os julgamentos de bruxas e as crueldades da Inquisição realizadas em nome da Cruz, mas as degenerações, os erros, as falhas pessoais dos indivíduos não permite que se faça uma reprovação generalizada a uma das aparições mais poderosas da Humanidade”.

“A cultura da Idade Média estava enraizada no sinal da cruz; os grandes feitos, a vontade do sacrifício e a fé encontraram suas raízes no cristianismo. É necessário diferenciar bem e com muito cuidado o núcleo espiritual interior do cristianismo das suas múltiplas manifestações externas”.

“O Partido, como tal, repousa sobre o cristianismo positivo”.

Como se pode ver, programa nacional-socialista não deixa margem para dúvidas e, neste caso, não é possível afirmar que tudo é para fins de propaganda, pois tanto o Minha Luta quanto o programa do Partido falam de uma forma verdadeiramente clara das intenções do movimento sobre todos os problemas, e mesmo que em algumas ocasiões pudesse ter feito com uma melhor “nuance”, a sinceridade lhes trouxe, junto com os maiores problemas, os melhores apoiadores.

Quanto às organizações do Partido mais conhecidas, como a SA e a SS, também seguiram a mesma diretriz.

As bandeiras da SA, foram abençoadas pelos bispos e também um dos pontos da referida organização dizia: “Nosso movimento está determinado a proteger as duas confissões: católica e protestante”.

Quanto aos “terríveis” SS, deve-se dar a conhecer o texto dos juramentos que tiveram de ser feitos para ser membro deles. Que dizia: “Você acredita em Deus?” e deveria ser respondido: “Sim, eu acredito em um Deus Todo-Poderoso”.

Todas as outras organizações ou órgãos do partido nacional-socialista mantiveram a mesma posição e, apesar de alguns ataques verdadeiramente violentos de vários eclesiásticos, principalmente católicos, a posição do partido permaneceu inalterada. O “Völkischer Beobachter” publicou — já nos primeiros dias — numerosas cartas de católicos que não achavam nenhum inconveniente em serem nacional-socialistas paralelos ao seu credo religioso.

Essas cartas eram, digamos, necessárias, porque muitos padres, e políticos, queriam explorar o argumento da suposta irreligiosidade nacional-socialista, favorecendo assim os partidos que se diziam católicos. Por outro lado, o próprio “Volkischer Beobachter”, o órgão oficial do partido e cujo diretor era Alfred Rosenberg, publicava com frequência textos ou poemas religiosos, como o da edição de 14 de Janeiro de 1940, de Oskar Robert Achenbach, que terminava com as palavras “Aconteça o que acontecer, devemos sofrer, porque estamos sob a custódia de Deus”.

A editora do partido, Franz Eher Nachfolger GmbH, publicou dois livros dedicados a resumir a opinião do partido sobre assuntos religiosos; esses livros, ao contrário de "O Mito do Século XX", falavam em nome do nacional-socialismo, enquanto que o famoso livro de Rosenberg — como indicaremos mais adiante — eram apenas opiniões pessoais.

Estes dois livros a que nos referimos, publicados pelo partido e em seu nome, têm um valor extraordinário, pois, por mais que possam parecer conveniências táticas, seria muito difícil agir com fins contrários mais tarde, com relação a tudo que foi dito até então. Esses dois livros tiveram um grande impacto muito antes do nacional-socialismo chegar ao poder e, claro, também depois; Portanto, não é possível ver neles uma forma especial de luta tática, como alguns autores insanos e febris tentaram mostrar.

O intitulado "Christentum im Nationalsozialismus" cujo autor era J. Kuptsch, foi publicado muito antes de Hitler se tornar chanceler do Reich e no prólogo da terceira edição, que apareceu em 1932:

"O nacional-socialismo nas confissões adere fortemente ao cristianismo e retorna ao fundamento divino, à origem também de todas as confissões cristãs: a Cristo, o filho de Deus, e à sua palavra. Ao fazê-lo, faz na esfera religiosa algo semelhante ao que faz na esfera política, na qual se coloca acima de todos os partidos políticos e adere resolutamente ao povo alemão, regressando às suas fundações populares e raciais. Ele chama sua política de Alemanha e sua confissão política de povo alemão, sua religião porém cristianismo e sua confissão religiosa de Cristo".

O livro está dividido em três capítulos principais que se intitulam, o primeiro "A visão de mundo do Nacional-Socialismo atende a ordem criadora de Deus e a doutrina do cristianismo". O segundo "Os princípios, desejos e fatos do Nacional Socialismo são aplicações práticas da doutrina do Cristianismo" e o terceiro "O Nacional Socialismo é o único verdadeiro defensor do Cristianismo". Como evidenciado, os títulos são sugestivos o suficiente para não insistir mais em seu conteúdo. O autor termina afirmando que "A suástica é o símbolo do homem físico alemão, tal como Deus quis. A cruz cristã, porém, é o símbolo do homem espiritual alemão, que salvou Cristo. O socialismo une a suástica com a cruz cristã. É por isso que os nacional-socialistas usam a suástica no peito e a cruz cristã dentro dela".

O outro livro, intitulado "Nationalsozialismus und Katholische Kirche" é do autor Dr. Johannes Stark e seu conteúdo é semelhante ao anterior. Na página nove leia-se o seguinte:

“Paz entre o nacional-socialismo e a Igreja Católica. Quem quer lutar entre os dois é inimigo do povo alemão. Quem arrasta a Igreja Católica para a luta política prejudica tanto o povo alemão quanto a Igreja Católica”. Algumas páginas depois afirma que “não deve haver separação entre a Igreja e o Estado, mas sim que o Estado deve conceder às Igrejas proteção e meios para o seu trabalho no campo religioso”, e reforçando o que foi dito, acrescenta que “o Partido Nacional Socialista deve, por um lado, abster-se de qualquer abuso no campo da religião e da Igreja, e, por outro lado, o Estado pelo qual luta deve oferecer proteção e favorecimento às denominações cristãs existentes pelo seu serviço ao povo alemão”. Falando sobre as relações entre o Estado e as Igrejas, ele diz: “O nacional-socialismo significa uma nova era na concepção da relação entre Estado e Igreja. O Estado liberal, que tem suas raízes na Revolução Francesa, considera a Igreja cristã como um mal estabelecido ao qual seu trabalho deve ser restrito tanto quanto possível; O Estado marxista estabeleceu como objetivo de propaganda a aniquilação completa da junção de Igreja e Estado. O nacional-socialismo vê nas confissões cristãs um valioso suporte para a existência de seu povo; adere assim ao ponto de vista do cristianismo positivo e defende uma paz honesta e sem reservas com a Igreja”. Prossegue, dizendo que o Nacional-Socialismo “defende as Igrejas Cristãs contra a ameaça do marxismo ateu e inimigo da Igreja. É por isso que quem luta contra o movimento nacional-socialista está lutando contra um amigo e protetor das Igrejas cristãs, e é um aliado, consciente ou inconsciente, do inimigo do cristianismo, o marxismo”.

Outros livros sobre o assunto também foram publicados, embora por outras editoras que não eram do Partido, como Aschendorf, que publicou uma obra intitulada “Reich und Kirche”, um livro contendo dois pequenos estudos intitulado “Begegnungen zwischen katholischem Christentum und nationalsozialistischer Weltanschauung” de autoria de Michael Schmaus e “Katholischer Zugang zum Nationalsozialismus kirchengeschichtlich gesehen” de Joseph Lortz. O Bispo Dr. Alois Hudal escreveu sobre estas duas obras: “...Elas mostram o entendimento comum do nacional-socialismo e do catolicismo. Lortz parte de considerações históricas e concretas, Schmaus de questões de princípio. Segundo ambos, o nacional-socialismo e o catolicismo têm em comum a ênfase na comunidade, autoridade e respeito (Ehrfurcht)”.

Joseph Lortz, num outro livro intitulado “Nationalsozialismus und Kirche”, Nachtrag zu seiner Kirchengeschichte, diz-nos na página 391: “O nacional-socialismo foi tido por muito tempo como anticatólico. Essa opinião, porém, não passou de um erro fatal. 1. — Por desconhecimento do programa positivo

do Nacional-Socialismo tal como foi exposto de forma autêntica e totalmente acessível no livro de Hitler Minha Luta, de 1925; 2. — Por confundir a propaganda de luta e certos "reformadores" germano-pagãos ou Kulturkampf, que pertenciam ao movimento nacional-socialista, com o núcleo do movimento; 3.— Por causa de uma certa confusão entre catolicismo político e catolicismo como ideia religiosa e espiritual. Essa confusão foi definitivamente eliminada pela carta pastoral de Pentecostes dos bispos alemães de 1933 e pela Concordata de 1933 entre a Santa Sé e o governo nacional-socialista da Alemanha.

"Uma comparação dos resultados de nossa análise do século XIX e do presente com as ideias e tendências fundamentais do nacional-socialismo mostra de que maneira e sentido inusitados o nacional-socialismo é a realização do tempo e cresce organicamente a partir dele, como a coroação das mais altas aspirações da época, e o fato de nela irromperem em toda a sua amplitude as ideias fundamentais acima mencionadas, imprime-lhe a marca evidente da vocação. Mostra também que, a partir de agora, temos o direito de falar de um verdadeiro ponto de virada, que será permanente acima de tudo o que é episódico: a abertura de uma nova era no sentido mais elevado. Se reconhecermos a hora do nosso dever, esta época – apesar dos retrocessos que ainda podem vir e eventualmente também nas lutas confessionais – servirá essencialmente à religião e à Igreja, armando-se para a luta contra o ateísmo".

Lortz aponta ainda as seguintes afinidades fundamentais entre o catolicismo e o nacional-socialismo:

a) Ambos são inimigos mortais do bolchevismo, do liberalismo e do relativismo, doenças mortais da época, que levam à dissolução e que são os principais inimigos da obra da Igreja. As ideias fundamentais do nacional-socialismo de autoridade e liberdade, ou seja, a serviço do povo, correspondem exatamente aos ensinamentos que Gregório XVI e Pio IX expuseram no século XIX, no meio do riso irônico de todo o chamado "mundo do progresso"; além disso, ambos são inimigos da Maçonaria.

"b) A luta comum contra o movimento ateu, contra a imoralidade pública, contra o nivelamento destrutivo da verdadeira vida, por uma articulação frutuosa, significativa e dada por Deus da sociedade humana e pela estruturação corporativa da sociedade, pedida por Leão XIII e Pio IX (Encíclica "Quadragesimo anno"); advogar pelo direito à existência digna do trabalhador braçal e do camponês; contra a desnaturalização e a falta de tradição das grandes aglomerações urbanas e manufatureiras modernas.

“c) pela sua exigência básica cristã: o bem comum vem antes do próprio bem; pela mais ampla ênfase na prerrogativa da comunidade perante o indivíduo; pela compreensão da necessidade da forma política, a partir da qual o indivíduo pode viver sua vida mais profunda; construindo toda a vida na ideia de liderança (Führergedanke) e autoridade (em vez de no princípio mecânico do número, ou seja, da maioria).

“d) Talvez o mais importante: o nacional-socialismo é a confissão (Bekenntnis). Face à dúvida e à incredulidade destruidora, traz de volta aos setores mais vastos a experiência de que a posição de crença não é nada incerta ou inferior, como o liberalismo tinha defendido para toda a sociedade, mas sim aquela que realiza plenamente o homem. Mesmo que a Igreja nunca se identifique com nenhum movimento, não pode deixar de saudar com gratidão este poderoso aliado na luta contra o racionalismo ateu”.

É necessário mencionar também a obra de Walter Grundmann intitulada “Gott und Nation” e editada pela Fuchs-Verlag em 1933 e que tinha como subtítulo: “Ein evangelisches Wort zum Wollen des Nationalsozialismus und seiner Sinndentung durch Alfred Rosenberg”.

O autor se esforça para estabelecer o vínculo entre o pensamento nacional-socialista e a doutrina cristã. Ele ataca duramente algumas das ideias de Rosenberg. Grundmann assegura que o nacional-socialista deve rejeitar a escória do liberalismo, que também se introduziu no campo religioso, e voltar à força edificante das grandes sociedades e educadora de responsabilidade: Deus.

Também digna de nota é a conferência de imprensa do secretário de Estado Dauser, que era ao mesmo tempo Reichsleiter des Arbeitsgemeinschaft Katholischer Deutscher e que foi publicada no órgão do partido Völkischer Beobachter em 9 de março de 1934, no qual disse:

“A visão do mundo católico está relacionada em questões fundamentais com o nacional-socialismo. O católico deve libertar-se das opiniões, escrúpulos e conceitos que lhe são impostos pela era dos partidos e do parlamentarismo. Os católicos devem reconhecer o veneno que lhes tem sido irresponsavelmente inoculado ao longo dos anos pelos homens de negócios políticos. Todos aqueles que fizeram negócios políticos com o catolicismo teriam, a longo prazo, colocado esse catolicismo, que muitas vezes apenas fingiu, mas não viveu, em uma base que contrariava o sentimento religioso das amplas camadas do povo. Afinal, eles estavam a prestar um mau serviço à religião católica e aos seus irmãos de fé. Aqueles de nós que colaboraram para

impedir tal desenvolvimento são hoje acusados de uma postura anti-religiosa. Isto é uma injustiça".

Vê-se claramente que em todas as ordens, o conceito básico é o mesmo.

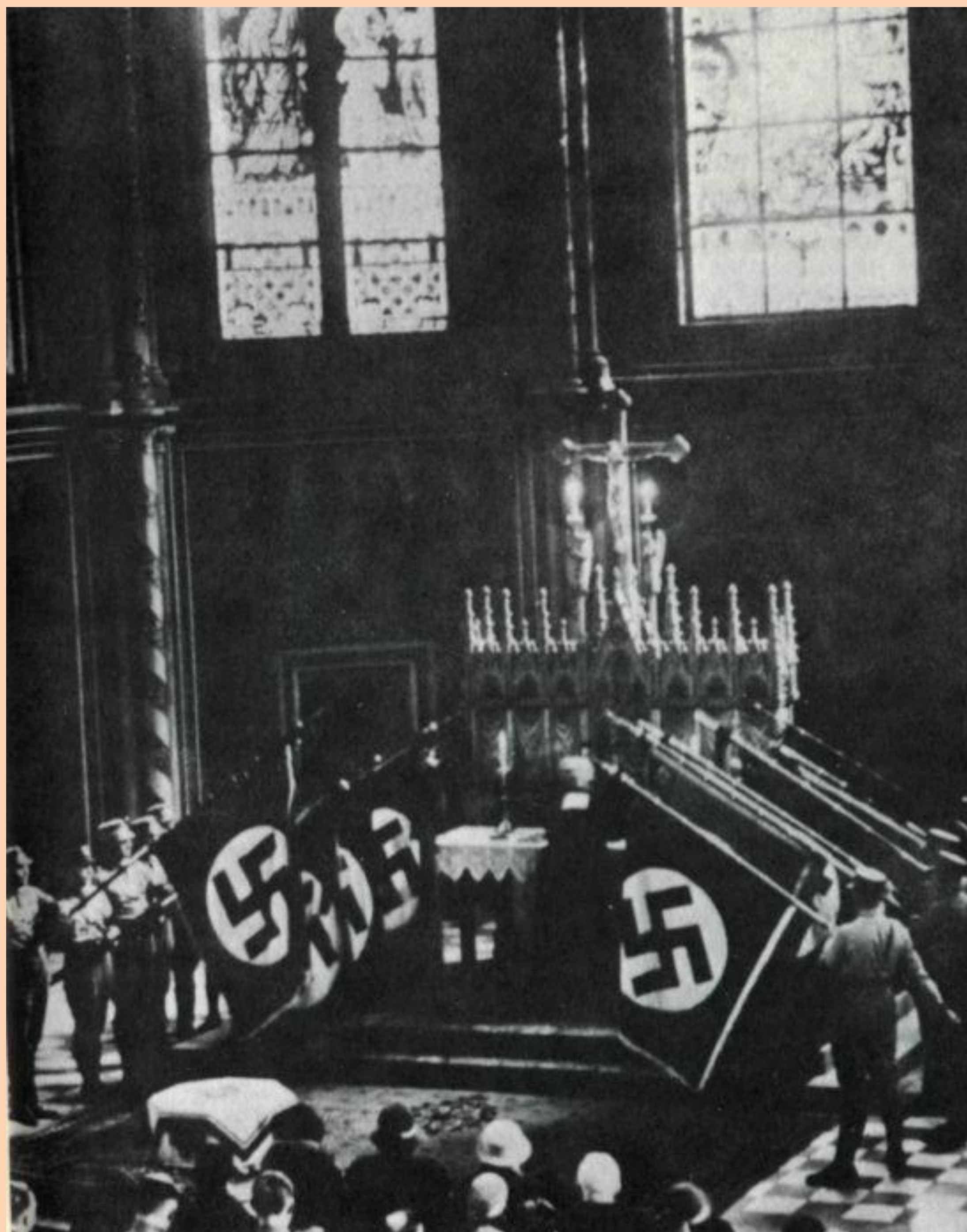
Outra das mentiras indescritíveis que pairam sobre o Nacional Socialismo a este respeito é a alegada educação ateísta das crianças da Juventude Hitlerista. Com base no fato de que — como também aconteceu e em parte acontece na Espanha — quando grupos de jovens nacional-socialistas e membros de organizações católicas se reuniram nas montanhas, não se deram muito bem juntos, afirmou-se que também se tratou de um ataque direto à Igreja, e embora essas pequenas brigas não fossem muito frequentes, a imprensa soube ampliá-las convenientemente.

Foi dito que as crianças da Juventude Hitlerista aprenderam canções ateístas, mas a verdade é que, não há base para nisso. Inclusive já vimos algumas dessas canções reproduzidas em versos, mas ao tentar localizá-las nos cancioneiros oficiais, não obtivemos êxito. Ora, o trabalho não foi em vão, pois localizamos mais de uma centena de canções, antigas e modernas (algumas compostas pelo próprio Baldur von Schirach, chefe do mesmo) em que a religiosidade é evidente, e a palavra Deus é repetida frequentemente.

A Juventude Hitlerista não podia, no entanto, transigir em questões de credo com qualquer confissão e, como no caso do partido, isso ainda era um inconveniente. Antes que o Nacional-Socialismo chegasse ao poder, tanto protestantes quanto católicos tinham suas próprias organizações juvenis, mas quando a Juventude Hitlerista foi formada, eles gradualmente perderam membros a seu favor. A Igreja, evidentemente, poderia exigir a sua participação na educação do jovem Hitlerista, mas não tentar fazer com que toda a organização aderisse a um certo credo. O nacional-socialismo, no entanto, tentou várias soluções e uniões de grupos, mas prevaleceram as lutas religiosas entre as duas confissões. Baldur von Schirach em seu livro "Die Hitler Jugend" diz:

"... a Juventude Hitlerista não ataca cristãos ou qualquer outro ensinamento; a Juventude Hitlerista não pergunta sobre pertencer a uma casta ou religião, mas simplesmente sobre sua germanidade". Mais tarde reconhece o direito à educação religiosa e escreve: "A Igreja tem o direito de ministrar a educação religiosa. Um direito incontestável e inalterável. O Estado, por sua vez, reivindica, por meio da Juventude Hitlerista, seu direito de realizar educação, visão de mundo e política social nacional-socialistas, e esse direito do Estado é tão válido quanto o das Igrejas... Não se compreende por que razão não se

pode encontrar uma solução satisfatória, tanto para a Igreja como para a Juventude Hitlerista, com relação ao problema da educação da Juventude Hitlerista; a Juventude Hitlerista não se limita de forma alguma a atividade religiosa dos seus membros. Os jovens católicos não são impedidos de forma alguma pela liderança da Juventude Hitlerista para assistir os cultos divinos aos domingos ou colaborar em outras festividades religiosas." De tudo o que foi dito, o caso a seguir é um exemplo magnífico.



As bandeiras do NSDAP prestam homenagem diante do altar, num ato de homenagem à memória de Peter Wuss, em 1934.



Homenagem oficial ao recém-nomeado Bispo do Reich, Ludwig Müller, em setembro de 1933.



Dia Nacional da Solidariedade em Berlim. Um padre filiado ao Partido participa na angariação de fundos organizada pelo NSDAP.

Trata-se de Bernardo Lehner, menino da Juventude Hitlerista, que faleceu aos 15 anos, e cujo processo de beatificação foi anunciado. Para sua mãe, ele escreveu a seguinte carta: "Comunico-me com os nossos heróicos soldados todos os dias", e para um camarada da Juventude Hitlerista ele disse numa outra: "Quero ser um bom padre católico da nossa Grande Alemanha. Quero dedicar-me à custódia das almas, para tornar o Reich mais bonito. Jamais esquecerei o que me foi ensinado: o amor pela pátria, e quero servi-la como um bom cristão". Suas últimas palavras foram: "Deus salve a Alemanha!", depois acrescentou "Mamãe, mamãe, estou morrendo; vou para o céu com Jesus... não chore...".

Um escritor católico disse: "Depois dos comícios nacional-socialistas, Bernardo corria para a igreja e depois da comunhão dava profunda ação de graças. Acreditava em Deus, amava seu país, desejava ardentemente contribuir para o advento de um mundo novo. Este rapaz de quinze anos, que atingiu a maturidade intelectual enquanto a juventude alemã marchava cantando para o Oriente e reabria o culto das igrejas profanadas pelos ímpios, representa o modelo, ideal e símbolo daquelas gerações crescidas na Fé de Cristo e no amor a Pátria". [4]

"Acreditamos na Europa, acreditamos na nova ordem, acreditamos na juventude, acreditamos no triunfo do bem, porque acreditamos em Deus".

Baldur von Schirach

[4] Pie, n. 206.

GERTRUD SCHOLTZ-KLINK

Gertrud Scholtz-Klink foi chefe da Organização Nacional Socialista das Mulheres; sua opinião, portanto, também é importante dentro do partido. O espírito dessa mulher é muito comum em seu tempo e entre os nacional-socialistas. É o tipo de pessoa que ama a Deus, é uma verdadeira crente e que contempla com indignação a luta entre as duas confissões cristãs, não só entre si, mas também no campo político. Algo como uma nova Irlanda no centro da Europa. Essa indignação é compreensível quando chega ao ponto de afirmar, como acontecia em um panfleto da época, que um católico não pode ser um nacional-socialista. Do púlpito - como veremos mais tarde - numerosos

padres organizaram verdadeiros comícios em defesa dos partidos católicos e contra o Nacional-Socialismo, indo aos extremos mais inauditos, e tudo isto de uma forma particular por estes padres e alguns bispos, que não representavam a maioria dos religiosos alemães, mas que eram os que "faziam mais barulho".

Por isso, a Sra. Scholtz-Klink defende, em primeiro lugar, a Fé em Deus e só depois as confissões religiosas. Em seu discurso proferido em Nuremberg em 1935, ela deixou sua posição clara:

"Deus, como força primordial de cada ser, está em cada um de nós como um átomo de si mesmo", e referindo-se às diferentes religiões diz que "para algumas dessas formas (as diversas religiões) estão perfeitamente coordenadas com suas necessidades internas, mas para outras é muito difícil coordená-las... mas o mais importante para mim para as mulheres é que tem de ser claro para nós, na nossa consciência interior, que nunca poderemos resolver este problema nós próprios".

A Sra. Scholtz-Klink, como possivelmente um grande número de alemães na época, esperava ver a Alemanha unificada neste aspecto, bem como em outros setores nacionais, e insiste nisso ao longo de seu discurso, dizendo:

"Devemos primeiro encontrar o caminho de volta a Deus e devemos atravessá-lo. Temos de reencontrar a fé primitiva em todas as suas formas e em nós viver novamente em Deus até nos sentirmos como um átomo de Si mesmo... Considero este dever mais importante, mais urgente, do que a controvérsia sobre as formas como o homem acredita poder representar Deus". Mas para deixar claro, porém, que não pretende criar uma nova Igreja, mas que tem a verdadeira convicção do que diz, acrescenta que "Os homens do nosso tempo devem aproximar-se da convicção de que o próprio Deus é sempre e eternamente a razão primordial de todas as formas e quanto mais lutarmos por formas ou procurarmos formas, mais longe estaremos da verdadeira essência deste conhecimento e menos estaremos também sob a sua grandeza".

Ao final de seu discurso, como tantos nacional-socialistas, ela ataca a luta das religiões, muitas vezes paralela aos interesses políticos, e acrescenta:

"Devemos ter em mente que quando homens infelizes querem usar várias formas para colocar homens do mesmo povo uns contra os outros, devemos confrontá-los com toda a força da nossa alma, porque o nosso povo não é digno, no meio da sua luta pela existência vital, de ser colocado uns contra os outros, pois a sua única missão é unir as suas forças e coordená-las".

JOSEPH GOEBBELS

Goebbels é bem conhecido. Ele foi acusado, junto com outros, de ser o representante genuíno do ateísmo nacional-socialista; no entanto, ele, como a maioria dos membros do N.S.D.A.P., simplesmente lamentou a intromissão dos padres na política.

Filho de pais católicos, Goebbels recebeu tal educação religiosa; Já na juventude obteve uma espécie de bolsa de estudos de uma organização católica chamada "Alberto Magno", e quando chegou ao poder sempre manteve uma atitude moderada. O Dr. Goebbels é autor de numerosas obras, e é do livro "Comunismo sem máscara" que extraímos o seguinte: "O bolchevismo nega a religião por princípio, fundamentalmente e antecipadamente, e vê nela apenas "ópio para o povo". O nacional-socialismo, ao contrário, com sua tolerância, com respeito às confissões, advoga um idealismo crente e transcendental".

Em sua obra intitulada "Bolchevismo na teoria e na prática", falando sobre os acontecimentos ocorridos na Espanha, ele escreve:

"É difícil ter uma ideia exata dos detalhes horríveis que chegam até nós sobre as execuções de padres e ataques vergonhosos contra religiosos. Aqui estão alguns casos: O Arcebispo de Tarragona e o Bispo de Lérida, assassinados (Journal de Geneve). Oito padres e um frade são fuzilados em Tarragona, este último depois de ter sido barbaramente pisoteado (notícias do Sr. Hausmann). Um americano, Henry Harris, afirma ter testemunhado em Barcelona o assassinato de 150 membros de ordens religiosas (Matin). Dimas Madariaga, chefe dos sindicatos de trabalhadores católicos, foi morto em Pedralbes (Journal de Geneve). Você constantemente ouve falar de padres sendo arrastados pelas ruas, tendo sido decapitados. Em Valência, as freiras foram baleadas numa série de execuções e os seus restos mortais queimados. Os sacerdotes de Adrero, de las Casas e Torres pereceram em circunstâncias horríveis. O relato de tais excessos poderia prolongar-se por muito tempo. Segundo o professor Walter W. S. Cook, a Catedral de Barcelona e todas as igrejas daquela cidade, com exceção de uma, foram incendiadas. Os famosos retábulos de Vermejo, datados do século XV, foram destruídos, assim como a igreja de Santa Maria del Mar, também do século XV. Do Santuário de San Pedro de las Puellas, que remonta ao século IX, restam apenas quatro paredes. Os famosos conventos de Barcelona, o Palácio do Arcebispo, já pertencem ao mundo das memórias. Este é o verdadeiro aspecto do ateísmo bolchevique, que ainda se atreve, em alguns países, a colaborar com as Igrejas. Mas os

cadáveres de freiras retirados de seus caixões são um exemplo do que o bolchevismo é capaz.

E quando um dos principais instigadores do bolchevismo na Espanha, Andrés Nin, declara:

“Resolvemos o problema religioso da maneira mais simples, ou seja, destruindo todas as igrejas”, não podemos deixar de confirmar que estamos diante da personificação do ateísmo. Esta é a verdadeira efígie do bolchevismo.”

Ao contrário do que acontecia em todo o mundo, Goebbels, nesta obra — lida no Congresso de Nuremberg em 1936 diante de milhares e milhares de pessoas — denuncia o crime horrendo. Mesmo que hoje se afirme que estas mortes foram sentidas mais sinceramente pelos “Aliados” do que pelos Nacional-Socialistas, dificilmente poderão substituir tais provas claras.

Em 19 de abril de 1945, dez dias antes de sua morte, e quando os russos já estavam nos portões de Berlim, Goebbels disse: “Devemos agradecer a Deus repetidamente que em tempos tão terríveis Ele nos concedeu um verdadeiro Führer”.

Muito antes ele escreveu [5]:

“O movimento nacional-socialista baseia-se num cristianismo positivo sem estar ligado a uma confissão particular. O Protestante, o Católico e o Alemão-Cristão têm o seu lugar nele. Nós, nacional-socialistas, vemos a grande crise da Weltanschauung cristã não tanto na sua forma como no seu conteúdo. O cristianismo é para nós uma ação, não uma mera afirmação. Quanto mais um homem estiver unido a Jesus e à sua mensagem religiosa, mais ele estará inclinado a salvar o que pode formalmente separá-lo de seus correligionários e enfatizar o que os une espiritualmente. Assim é conosco. Toda a ideologia nacional-socialista parte do reconhecimento fundamental de que, para resolver os profundos problemas vitais de nosso Volkstum, os confrontos formais devem ser removidos de nossa vida pública, para que os cidadãos que pertencem a um ou a outro possam se unir. Geralmente são divididos apenas pelo formal, raramente pelo fundamental. Isso também pode ser aplicado às tensões confessionais, econômicas e políticas da Alemanha de hoje. É do interesse exclusivo de nossos adversários comuns agravar essas tensões repetidamente por meio de elementos sem consciência. No entanto, se conseguirmos amenizar essas tensões ao mínimo, teremos ar e espaço para

resolver os problemas reais de nossa situação política que se tornou insuportável.

[5] Goebbels em "Der Angriff" (Berlim), 3 de dezembro de 1928.

RUDOLF HESS

O "prisioneiro da paz" era o homem de maior confiança de Hitler na era nacional-socialista. Nomeado ministro por Hindenburg, chefe do Partido Nacional-Socialista depois de Hitler, secretário pessoal do Führer e seu segundo sucessor, ele era, no que dizia respeito ao partido, a autoridade máxima.

Ele não era um homem religioso, embora tivesse sido educado no protestantismo, mas sua suposição, em relação às igrejas, era a de plena liberdade. Em 13 de outubro de 1933, ele declarou:

"A fé é uma questão de cada um, pelo qual cada um é responsável apenas pela sua consciência. A violência em assuntos espirituais nunca pode ser praticada".

Em Estocolmo, dois anos depois, em 14 de maio de 1935, voltou a afirmar o mesmo ponto, dizendo que "Hitler opôs-se à ideologia dos partidos com uma ideologia cujo ponto central é o próprio povo. Ao materialismo da época opôs um novo idealismo. Ao egoísmo do indivíduo opôs a exigência: o bem comum antes do seu! À tendência igualitária da democracia e do marxismo opôs à fé no poder criativo da personalidade. À tendência da "Internacional" para o nivelamento igualitário dos povos, opôs-se à doutrina da personalidade individual dos povos, do valor da raça, do valor da nação. Enquanto o outro lado tentava apagar todas as particularidades nacionais, o Nacional-Socialismo promovia usos e costumes populares e nacionais. Ao ateísmo, opôs-se à ideia do Todo-Poderoso, à doutrina do pacifismo, à fé nas virtudes da luta.

"Ao resolver os conflitos artificialmente provocados com as igrejas, todos os inimigos se uniram. Descobrimos que são justamente os marxistas e comunistas ateus, antes afastados da Igreja, que atuam como fervorosos combatentes em qualquer uma das organizações confessionais, esforçando-se para agitar o conflito com a Igreja. Eles têm apenas um interesse: quando toda a oposição tiver desaparecido, o objetivo é agravar os antagonismos das confissões e criar uma oposição entre o Estado e as diferentes igrejas.

“O nacional-socialismo quer que, como foi sob Frederico, o Grande, “cada um seja abençoado à sua maneira.” O nacional-socialismo dá às igrejas o que pertence às igrejas; as igrejas têm que dar ao Estado o que pertence ao Estado. Além disso, o nacional-socialismo permanece totalmente indiferente às lutas confessionais.

“Com base neste princípio, ninguém pode ser enganado pelas notícias falsas tendenciosamente espalhadas no exterior sobre o conflito com a Igreja na Alemanha, notícias que só tem o objectivo de agir contra o o nacional-socialismo no exterior, depois que tantas outras mentiras perderam sua eficácia, pois os fatos falaram contra elas.”

Outra ocasião em que Hess abordou o mesmo assunto foi em um discurso para o Bann- e Jungbannführer da Juventude Hitlerista e os Deutsche Jungvolks no primeiro acampamento dos Chefes do Reich em Braunschweig em 23 de maio de 1936, em que disse:

“Seria presunçoso e - digamos exatamente - estúpido, ter a opinião de que fora de nosso horizonte terreno não há mais nada. E seria triste para a criação se o homem, em toda a sua fraqueza e a sua “humanidade”, fosse realmente o cume da criação. A visão de que só existe aquilo que vemos e podemos, de uma forma ou de outra, conceber ou provar ao ponto, é afinal uma visão do liberalismo, é uma concepção materialista.

“Contra a ideia materialista colocamos nossa concepção de que não é o mecânico, mas o espírito, que governa o mundo. Estamos convencidos de que ainda existe algo acima do nosso espírito. Algo que supera tudo o que o homem pode conceber com sua inteligência limitada. À crença na existência de um poder superior, de um ser onipotente (Allmacht), chamamos de religiosidade.

“Mas uma verdadeira e profunda religiosidade é de grande importância em tempos de miséria. Esta religiosidade a que nos referimos desempenha um papel decisivo em tempos de maior calamidade, precisamente quando o infortúnio sem culpa, quando a doença paira sobre um ser humano ou quando um povo é provocado para a última batalha, para a batalha pela sua existência.

“Todos nós esperamos ser capazes de nos preservar de ter que entregar o melhor sangue e os bens mais preciosos em uma guerra. Mas isso, infelizmente, não está apenas em nossas mãos. Se formos atacados, se houver uma luta, então é essencial que os soldados que são confrontados com a carga de guerra sem precedentes, no meio de fogo pesado, durante os ataques

aéreos, quando vapores de gás venenoso fluem em direção a eles, quando se encontram numa situação desesperadora segundo critérios humanos, é essencial que estes soldados possam então agarrar-se a algo superior, algo que está além.

“Os combatentes da linha de frente da guerra mundial sabem disso.”



Crianças da Igreja paroquial de Gebion, em Colônia, cumprimentando o Ministro Goebbels na sua visita às zonas expostas aos bombardeios aliados contra populações civis (11 de agosto de 1942).



Freiras católicas condecoradas com a Cruz de Mérito de Guerra (1944).

Rudolf Hess, como dissemos, não era — como outros líderes nacional-socialistas — adepto de uma determinada religião, mantendo, quase por tradição, aquela recebida de seus pais. Mas isso não foi um obstáculo para ter um verdadeiro conhecimento da existência de Deus e de sua infinita bondade e, claro, de sua justiça divina.

Precisamente a este respeito convém recordar as suas últimas palavras no julgamento de Nuremberg, onde declarou:

"Estou feliz em saber que cumpri meu dever para com meu povo... meu dever como alemão, como nacional-socialista e fiel colaborador do Führer. Não me arrependo de nada. Se pudesse voltar no tempo, agiria novamente como agi. Sinto total indiferença pelas decisões dos homens: um dia aparecerei diante de Deus para lhe prestar contas e sei que Ele me declarará inocente".

Passaram-se os anos e Rudolf Hess manteve-se fiel aos seus princípios — por isso "morreu" na prisão — embora estivesse um pouco desatualizado com os acontecimentos, convém citar uma carta sua dedicada a Igreja católica. Está carta terá um valor especial para os leitores espanhóis. O texto é o seguinte:

"Anteriormente — e ainda hoje entre os católicos — a consciência podia libertar-se desse fardo com a ajuda de uma segunda individualidade; um protestante agora tem que carregar sua consciência pesada por si mesmo e também encontrar forças para restaurar a harmonia consigo mesmo. A confissão auricular nunca deveria ter sido tirada dos humanos. Acredito sinceramente que se trata de dotar a maioria dos homens de uma força considerável, que sacode os cuidados do seu coração sobre outra pessoa, especialmente quando essa outra pessoa se mostra benevolente — mesmo que seja apenas por causa de sua extensa prática nesta arte humana — quando se sabe que por obrigação guardará o segredo, e quando tem autoridade para conceder perdão. A Igreja Católica é tão inteligente que aplica algo cheio de psicologia penetrante e de considerável experiência. Quando eu, que vivi longe da religião e que na minha juventude pertenci ao protestantismo, sou mais atraído pela beleza colorida e alegre de uma igreja católica do que pela sobriedade fria de uma protestante, muito mais será o efeito que terá sobre aqueles que a ela pertenceram ao longo das suas vidas. Com que sentido extraordinário se exerce a influência na receptividade do ser humano! Através de canções antigas e reverenciadas, com os sons do órgão, com altares barrocos e adornados com figuras e iluminados com fileiras de velas e tudo envolto na atmosfera de uma mística semi-escura... O padre celebra, enquanto as suas vestes ricamente bordadas e o cheiro do incenso enchem o ambiente; Dessa forma, o olfato atua com maior força sobre o espírito, despertando lembranças distantes da infância. Mesmo a capacidade sensível da pele não fica alheia ao toque e é borrifada com água benta. Fico profundamente comovido apenas com as janelas policromadas. É muito compreensível, portanto, que o catolicismo tenha uma força de atração superior e fascine as

pessoas a ponto de ter que lamentar menos apostasias do que o protestantismo".

HEINRICH HIMMLER

O Reichsführer-SS também não era um perseguidor de desamparados religiosos. Sobrinho do famoso jesuíta P. Himmler, filho do diretor da Escola Católica de Munique e irmão de um monge beneditino que vivia no mosteiro de Mariaalach, não pode ser considerado inimigo de nenhuma religião. Também em seus discursos ele frequentemente mencionava Deus. Em seu discurso de 19 de outubro de 1944, ele disse:

"Nosso Senhor criou os povos, que não são invenção da vontade humana. Num processo criativo de milênios, de acordo com seus desígnios elevados, nasceu o povo alemão, com seus ricos dons, sua bela pátria e suas difíceis condições de vida. Sem limitações, curvamo-nos perante a Lei Eterna, e com ela perante a pátria. Com a mais profunda fé, estamos animados pela convicção de que ao final de todos os nossos esforços, todos os nossos sacrifícios e todos os nossos sofrimentos e lutas, o Todo-Poderoso concederá ao nosso Führer e seu povo a vitória tão duramente conquistada".

É notável como esta ideia, expressa por Himmler, é semelhante à expressa por Santa Joana na peça de Bernard Shaw com o mesmo título: "Somos todos súbditos do Rei dos Céus. Que deu-nos os nossos países e as nossas línguas com a intenção de os mantermos.

WILHELM FRICK

Frick, o ministro das leis raciais, também era crente. Chegou ao ponto de escrever orações, embora não fossem bem recebidas em alguns círculos, que, incompreensivelmente, as utilizavam para atacar ele e o nacional-socialismo.

A mais censurada de todas dizia: "Senhor, livra-nos da mentira e da traição. Eu sei que a falta de Deus e a falta de uma pátria aniquilam nosso país". Por mais incompreensível que pareça, o ministro centrista Wirth disse em 13 de maio de 1930: "Como Ministro do Interior do Reich, estou profundamente arrependido em recomendar as orações escolares do Dr. Frick, porque elas não estão de acordo com o espírito e o significado da Constituição de Weimar." Embora Gottfried Feder tenha oferecido vários exemplos de frases existentes com o

mesmo significado, as críticas - dentro dos inimigos políticos nacional-socialistas, é claro - continuaram.

HERMANN GÖRING

O Ministro do Ar, Göring, um herói da Primeira Guerra Mundial, um membro da Velha Guarda e sucessor de Hitler como chefe da nação no caso de o Führer morrer, tinha as mesmas idéias sobre as igrejas que seus companheiros de partido. Em 18 de junho de 1934, ele declarou em Potsdam: "Apenas algumas palavras sobre a questão religiosa. Se o princípio de Frederico, o Grande, de que todos sejam abençoados à sua maneira, já esteve em vigor, hoje novamente é o momento perfeito. Adolf Hitler, nosso Führer, e nós, os velhos nacional-socialistas, sabemos que de modo algum tocaremos sua fé. Por outro lado, o Estado não pode ficar completamente indiferente ao que, neste campo, acontece antes dele.

"A questão é se a Igreja encontrará seu caminho de volta ao seu papel de organização conservadora ou se ela se prestará ainda mais a ser um foco de críticas e descontentamento. O Estado Nacional Socialista criou, tendo em vista a necessidade da renovação do Reich, os pressupostos para uma nova Igreja do Reich, no que diz respeito à Igreja Evangélica. O Estado se absteve de intervir no assunto por prudência. Tendo estabelecido a norma, ele deixou para a Igreja conduzir sua existência dentro desta norma e chegar a uma certa unidade. Mas não só para a Prússia, mas em nome de todos os líderes nacional-socialistas e, sobretudo, do Führer, acho que tenho o direito de dizer que nunca nos ocorreu realçar a Confissão Luterana, Reformada ou Unida e usá-la para oprimir outros. Para o Estado é completamente indiferente a qual o indivíduo adere. O próprio Estado protegerá essas confissões".

Em outro discurso, proferido em Viena em 26 de março de 1938, ele disse: "Afirma-se: agora a religião é exterminada, agora a fé é eliminada! Mostre-me a igreja que, como aconteceu na Espanha, foi destruída ou incendiada; que os padres que foram torturados ou esfolados me sejam mostrados; que me seja mostrado uma igreja que foi fechada e na qual os fiéis não podem rezar; mostre-me um padre que foi impedido de se dedicar aos seus deveres sacerdotais. Se um padre foi preso, isso não aconteceu porque ele se dedicou às suas missões sacerdotais, mas porque ele se tornou muito mundano.

"Não queremos destruir nenhuma igreja ou acabar com nenhuma religião. Queremos apenas que ocorra uma separação clara. A Igreja tem suas funções

específicas, muito importantes e muito necessárias, e o Estado e o Movimento têm outras missões igualmente importantes e decisivas. Se cada um cumprir estritamente seus deveres, nada acontecerá. Não proibimos de forma alguma a Igreja Católica na Alemanha, mas eliminamos o partido de centro e os clérigos politizadores. Nunca fomos contra a Igreja, nem contra a Fé, embora nós, os nacional-socialistas, não possamos talvez ser designados como diretamente ligados confessionalmente a uma determinada Igreja.

"Se tivéssemos sido anti-religiosos, anti-cristãos ou anti-crentes, a bênção do Todo-Poderoso estaria com nosso movimento? Usamos toda a força do nosso sentimento religioso para podermos nos manter firmes na terrível luta! Você acha que isso teria sido possível sem nossa fé mais profunda em Deus, no Todo-Poderoso? Não destruímos nem a fé nem a religião. Nós trouxemos a fé de volta ao povo; fizemos do povo um crente novamente. Queremos um povo religioso, cheio de fé!.

"Talvez, no entanto, agora tenha havido, por meio deste poderoso evento na Áustria, um obscurecimento do outro lado sobre se não seria conveniente fazer a paz novamente. Por isso, repito mais uma vez: o movimento dará à Igreja aquela proteção que pode reivindicar, mas a Igreja não deve se envolver em nada que não lhe diga respeito e que não lhe corresponda, pois aqui não há compromisso".

ALFRED ROSENBERG E A MITOLOGIA NÓRDICA

Eis o homem que, sem dúvida, foi considerado o maior inimigo das religiões e responsável por todos os excessos que, como estamos provando, são falsos, cometidos pelo nacional-socialismo. Se levarmos em conta que Rosenberg nunca teve uma influência decisiva na política, pois nunca ocupou nenhum cargo relevante, parece espantoso atribuir tanta importância a apenas uma de suas obras, "O Mito do Século XX". Diz-se que foram feitos oitocentos mil exemplares e isso é citado como prova de sua importância. Nessa ordem de ideias, devemos notar que as edições do livro de Hitler "Minha Luta" — que, como comprovamos, era claramente favorável às religiões — já ultrapassavam dez milhões de exemplares em 1943, chegando a ser considerado o livro mais vendido depois da Bíblia. O argumento é, portanto, inútil.

Passemos, no entanto, a analisar os pontos de vista de Rosenberg. Obviamente ele não era a favor das religiões, mas afirmar que era inimigo delas, há todo um abismo. Suas ideias filosóficas sobre o assunto eram às vezes duras, mas

não mais duras do que as de um Voltaire, de um Nietzsche e, claro, muito menos duras do que as de Lenin, considerado pela ONU um eminente humanista. Atribuir a Rosenberg uma política de extermínio em relação às religiões é um grande exagero, mas afirmar — como já foi dito — que ele queria restabelecer a mitologia nórdica é desconsiderar o pensamento do político alemão.

Apesar dos milhares de exemplares que, como dissemos, foram publicados do "Mito" são muito poucos os que conhecem esta obra e esta é a principal razão da confusão que se criou. Para muitos o "Mito" é uma obra destinada a ridicularizar a religião, as igrejas e tudo o que há de sobrenatural no mundo. Este é um erro grave. A obra de Rosenberg nada mais é do que uma "história racial" da humanidade, a Igreja só aparece quando, segundo a linha da obra, é necessária, sem lhe dar mais importância do que outros problemas. No entanto, não há dúvida de que ao lê-lo se pode apreciar a forte antipatia que Rosenberg sentia pelo catolicismo, baseada na atitude de muitos Papas, bulas, Inquisição, etc. Mas não só deixa perfeitamente claro no prefácio que o conteúdo da obra não deve ser considerado comum ao partido, mas como opiniões puramente pessoais, mas não é de modo algum uma obra niilista, pois quando se trata de falar de Jesus Cristo o faz com todo tipo de respeito e admiração. Fala da "grande personalidade de Jesus Cristo" (Die grosse Persönlichkeit Jesu Christi, p. 74); ou da "personalidade simples de Jesus" (die schlichte Persönlichkeit Jesu, p. 76). Rosenberg afirma que os ensinamentos de Jesus Cristo foram enfraquecidos após a sua morte, dizendo, no entanto, que contra a "bastardização, orientalização e judaização do cristianismo levantou-se o Evangelho de São João, que ainda respira um espírito inteiramente aristocrático" (das durchaus noch aristokratischen Geist atmende Johannesevangelium, página 75). Na página 76 ele também diz que "não há a mínima razão para supor que Jesus era de origem judaica, apesar de ter crescido nos círculos de pensamento judaico". [6] Esta declaração por si só representa o desejo de Rosenberg de não incluir Jesus Cristo em sua crítica.

[6] Não se deve acreditar que esta afirmação seja feita sem mais delongas ou por simples interesse "tático"; Inúmeros autores trataram do assunto demonstrando a diferença entre galileus e judeus. O mais conhecido é possivelmente Houston S. Chamberlain em "The Foundations of the Nineteenth Century". Mais recentemente, outras obras foram publicadas como "Jesus Cristo e os Judeus" de Howard B. Rand, "Os Conquistadores do Mundo" de Louis Marschalko, "O Mito do Judaísmo de Cristo" de Joaquín Bochaca, "Cristo não é um judeu" do Dr. J. E. Conner, etc. O compositor Richard Wagner também é da mesma opinião, pois o cita em sua obra "Religião e Arte".

Em outra parte do livro, ao criticar a filosofia de Schopenhauer, Rosenberg afirma que a palavra "vontade", que forma a base do sistema schopenhaueriano, designa duas ideias fundamentalmente diferentes: a essência do egoísmo, a ideia básica do sistema, e o princípio que "confronta todo o egoísmo inato e que por vezes produziu na história dos povos figuras de ímpeto incompreensível. Talvez a força espiritual dos místicos alemães ou de um Lutero; a oferta das vidas de muitos, muitos homens lutando por uma ideia; a figura do conquistador do mundo de Nazaré; (die Gestalt des Weltüberwinders aus Nazareth); enfim, todas as personalidades que representaram o livre arbítrio na vida, diante de toda violência", página 332. Mais tarde Rosenberg critica a teoria de Schopenhauer da falta de liberdade do homem. Se a ideia de Schopenhauer fosse verdadeira, diz ele, "todos os mandamentos morais não passariam de ridículos, e Cristo e Kant teriam sido homens bastante tolos. Dever e poder pressupõem um ao outro: sem liberdade não há sentimento de responsabilidade, não há moralidade, não há cultura espiritual (Seelenkultur)" p. 336. Ele afirma também que deve ser feita uma distinção entre instinto (Trieb), ao qual Schopenhauer dá o nome de vontade e volição (Wille). Sempre segundo o pensador alemão, duas posições podem ser tomadas: ou reconhecer a possibilidade do triunfo da vontade sobre o instinto (Cristo, Leonardo, Kany e Goethe) ou afirmar que o mundo não é livre (os hindus e Schopenhauer). Devemos reconhecer — a única saída — a superação do instinto pela vontade. "Se Cristo se declara contra a "raça de víboras", se toma sobre si a morte por uma ideia, isso é obra de um princípio de liberdade, que se opõe ao impulso vital (der Trieb zum Leben" p. 341.

Na introdução à terceira edição publicada em Munique em outubro de 1931, Rosenberg refere-se aos adjetivos atribuídos à sua obra ("Anti-Cristianismo", "blasfêmia", "Ateísmo", "Wotanismo" etc.), e diz que esquece que postulou "uma base religiosa e ponto de partida para toda a arte germânica; que declara, junto com Wagner, que uma obra de arte é a religião representada de forma viva. O grande respeito concedido ao fundador do cristianismo foi ignorado; foi ignorado que os argumentos religiosos têm o propósito manifesto de olhar para a grande personalidade sem mais adições desfigurantes às várias igrejas. Ignorou-se o fato de ter caracterizado o Wotanismo como uma forma morta de religião (mas que obviamente tenho respeito pelo carácter germânico que criou o Wotan, bem como Fausto), e falsamente e sem escrúpulos atribuiu-me o desejo de reintroduzir o "culto pagão de Wotan", Em suma, não havia nada que não estivesse desfigurado e falsificado.

As opiniões contidas no "Mito" não são as únicas dadas por Rosenberg a esse respeito; Além disso, as verdadeiras declarações do político alemão sobre política e religião estão contidas em outros escritos que citaremos mais adiante.

Agora é importante dizer que os ataques ao "Mito" que podem ser considerados de real interesse, não são aqueles feitos por seus inimigos, cuja linguagem é apaixonada e tendenciosa, mas a dos próprios correligionários. Opiniões depreciativas são atribuídas ao próprio Hitler, mas especificamente é de grande interesse saber que na própria Alemanha nacional-socialista apareceram várias obras censurando-o. É o caso do livro intitulado "Der Nationalsozialismus vor des Gottesfrage" do autor Helmuth Schreiner. Este trabalho não foi editado pela Franz Eher Nachfolger GmbH editora oficial do N.S.D.A.P., mas tinha um caráter quase oficial. Embora publicado pelo "Wichern-Verlag, Berlin-Spandau", o exemplar em nossa posse tem o selo do grupo espanhol do N.S.D.A.P. E também a do grupo de Madrid. Neste livro queremos destacar a diferença entre Hitler e Rosenberg. Na página 31, lemos: "A posição religiosa de Hitler é determinada pela categoria dos obedientes à vontade de Deus. Rosenberg, por outro lado, não conhece nenhuma responsabilidade diante de Deus, nenhuma vontade que se oponha a ele. Sua posição repousa na equiparação mística de Deus e alma."

Sobre o "Mito", diz o Professor Dr. Stark, sobre o qual já falamos, em sua já citada obra "Nacional Socialismo e a Igreja Católica" que "este livro apresenta uma filosofia do autor sobre história, arte e religião e que deve ser julgado do ponto de vista da crítica histórica e filosófica. O próprio Rosenberg descreve as exposições de seu livro como crenças pessoais que estão fora dos problemas do Partido Nacional-Socialista e pelas quais ele não pode ser responsabilizado. [7] Imediatamente os agitadores do Centro levantaram o grito de triunfo sobre este livro, responsabilizando o Partido Nacional-Socialista e seu líder Hitler por todas as declarações de Rosenberg. Rosenberg se tornou um protestante e expôs em seu livro uma crença religiosa-filosófica pessoal. É impossível para Hitler [8] fazer prescrições a quem dele depende, em matéria de convicção religiosa. A direção do partido nacional-socialista só pode fazer prescrições aos seus membros no campo de ação do partido, como aconteceu, por exemplo, com Artur Dinter [9]; fora deste campo, deve deixar os seus membros livres para expressarem as suas opiniões. Nem os nacional-socialistas responsabilizam a Igreja Católica pelas manifestações do padre católico Moenius, que ofendeu a honra do exército alemão e, portanto, do povo alemão, repetindo mentiras belgas sobre crueldades".

[7] Insistimos novamente que as opiniões contidas no livro do Dr. Stark podem ser atribuídas ao partido, uma vez que são pronunciadas em seu nome.

[8] Ainda mais no caso de Rosenberg, um dos primeiros membros do N.S.D.A.P. e antigo parceiro de luta de Hitler.

[9] O caso Dinter foi um verdadeiro exemplo no campo da não ingerência nacional-socialista em assuntos religiosos, o que naturalmente exigia uma contrapartida na direção oposta. O escritor Artur Dinter, um dos principais membros do N.S.D.A.P. Não se limitou a expressar suas idéias religiosas, mas tentou criar uma nova Igreja chamada "Geistkirche". A princípio, ele recebeu ordens para interromper sua propaganda, mas, como ignorou a ordem, foi expulso do partido. Com base em "Geistkirche" ele iniciou o mito de que o nacional-socialismo queria criar uma nova religião, embora, como o leitor facilmente imaginará, ninguém relatou que, antes mesmo que a propaganda pudesse usar esse argumento contra o nacional-socialismo, Dinter teve que deixar o partido. Algum tempo depois, quando uma unidade alemã devastou uma pequena cidade francesa, a anedota se repetiu, todos estavam cientes da ação bárbara, mas ainda hoje o leitor médio não sabe que aquela unidade alemã foi processada e condenada a lutar na linha de frente até o fim da guerra.

Destinado a refutar o "Mito", também foi publicada uma obra intitulada "Studien zum Mythus des 20. Jahrhunderts", que foi descrito pelo órgão oficial do partido, o "Nationalsozialistische Monatshefte" (que Rosenberg mesmo encabeçou) como a melhor refutação escrita do trabalho de Rosenberg. O famoso historiador nacional-socialista Ziegler, publicado no "Nationalsozialistische Monatsschrift" em 1935, p. 294: "Os "Studiens" são, sem dúvida, o conjunto mais extenso e preciso de escritos contra os "Mitos" e não deixou de causar impacto em certos setores."

Rosenberg, como outros líderes nacional-socialistas, aspirava – no aspecto religioso – a uma solução total e, assim como havia posto fim à luta de classes, esperava acabar com a das religiões. Apesar de suas boas intenções, eles perceberam que, em qualquer caso, o Estado deveria ser neutro em questões religiosas. As soluções foram simplesmente subsidiar as diferentes confissões, unir os membros de ambas as confissões no partido, e levar gradualmente os próprios dignitários eclesiásticos a apaziguar as suas lutas furiosas e a chegar a uma reconciliação, pelo menos do lado puramente humano do problema. Por isso havia uma opinião generalizada – como já vimos – uma total e absoluta neutralidade. Rosenberg, por mais originais que fossem as suas ideias na esfera religiosa, era muito específico na esfera política, e quando a religião entrou na esfera do Estado, limitou-se a observações

puramente políticas. Em sua obra "Wesen, Grundsätze und Ziele der NSDAP" Afirma claramente que "a razão política de um Estado deve ser sempre e principalmente a liberdade de idéias religiosas". Na mesma obra e condenando as religiões que se misturam nos assuntos políticos, escreve: "A união de uma política com uma certa confissão constitui uma tentativa levada ao extremo de destruir o corpo vivo do povo." -No entanto, observando, ver-se-á que as opiniões de Rosenberg são, em qualquer caso, dirigidas a questões políticas, quer a Igreja vista pelo Estado, ou o Estado pela Igreja, apenas quando se refere às religiões, e de uma forma pessoal, que formula ataques. É por isso que deve ser dado valor excepcional a este político, pois não só permitiu que os dois livros acima mencionados fossem publicados na editora do partido, mas quando foi nomeado Ministro dos Territórios Orientais Ocupados, abriu para o culto todas as igrejas que tinham sido anteriormente fechadas pelos bolcheviques, e isto graças à sua intervenção pessoal.

Isso levou a revista "Fotos", cujo diretor era Bartolomé Mostaza, a publicar um comentário dizendo:

"O escárnio dos judeus e ateus era tão grande que mantinham a Catedral de Smolensk como um museu do ateísmo e um lugar para zombar do sagrado e do eterno. O exército alemão, que em campanhas anteriores havia demonstrado respeito pelos monumentos artísticos em sua demonstração de domínio, salvou a fábrica da artilharia e dos ataques aéreos. Com as forças da Europa, esse aspecto básico e fundamental da cultura entrou na Rússia: a religião, e o povo russo voltou a orar depois de tantos anos, cheio de um fervor e uma emoção mística que mal cabem em impressões e narrativas".

É, portanto, um grotesco paradoxo histórico verificar que em Nuremberg ele foi condenado por aqueles que fecharam as igrejas na suposição de que ele não as abriu. A assinatura de Rosenberg em vários documentos mostra que, apesar do que as pessoas gostariam que acreditássemos, ele realmente as abriu por sua própria responsabilidade.

Na publicação nacional-socialista "Völkischer Beobachter" de 18 de novembro de 1933, Rosenberg escreveu: : "Quais conclusões religiosas cada alemão tira é uma questão pessoal dele, como o tenente do Führer expressamente declarou em 13 de outubro nas seguintes palavras [10]:

"Nenhum nacional-socialista pode ser prejudicado de forma alguma, se ele adere a uma certa confissão ou crença ou porque não adere a nenhuma confissão. A fé é uma questão de cada um, pelo qual cada um é responsável apenas pela sua consciência. A violência em assuntos espirituais nunca pode

ser praticada”. Este modo de ser corresponde ao do homem nacional-socialista religiosamente tolerante e é extremamente estranho que diferentes círculos ideológicos se apresentem hoje acreditando poder situar esta posição, como um novo nacional-socialismo ou como um novo liberalismo; manifestamente com a intenção de designar uma tendência liberalizante e usá-la para sua propaganda dentro do movimento nacional-socialista”.

[10] Refere-se a Rudolf Hess.

No “Völkischer Beobachter” de 7 de abril de 1934, ele escreveu:

“O Estado Nacional-Socialista sempre reconheceu a liberdade da vida religiosa, e não a atacará, mas deve agora, como no passado, exigir com vigor que, após o encerramento dos tribunais do Parlamento ao Centro, o púlpito da Igreja não seja confundido com o tribuno dos oradores do Reichstag”, e acrescenta para provar que as perseguições são falsas: que “quando o bispo de Berlim Dr. Bares se queixa mais tarde sobre tempos terrivelmente difíceis, supõe-se que sua igreja sofre uma perseguição aterrorizante. Na verdade, o fato de ele e os seus colegas poderem proferir palavras semelhantes prova precisamente o contrário”.

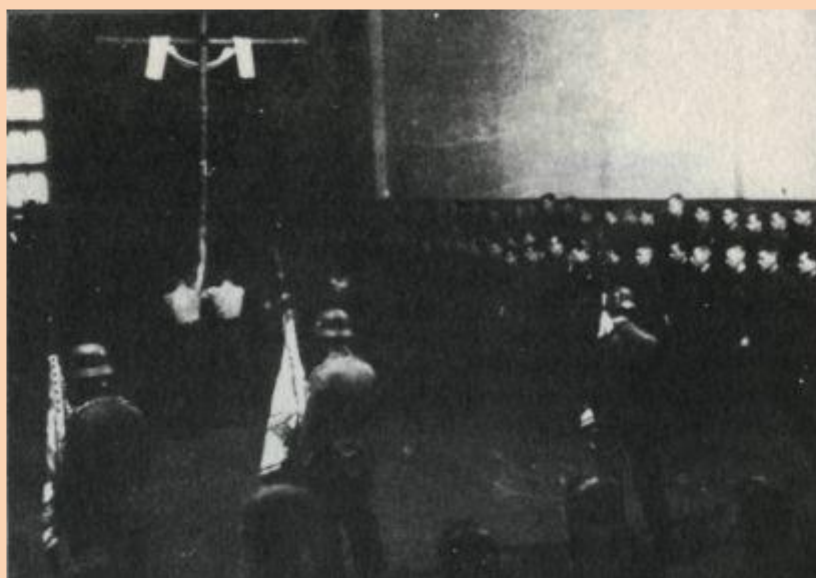
Também é interessante conhecer seu discurso em 22 de fevereiro de 1934, pois boa parte dele foi dedicada ao problema em questão:

“Se nestes últimos anos foi declarado que a ciência racial é anticristã, hoje podemos verificar com satisfação que a bandeira da suástica tremula tanto nas igrejas católicas quanto nas protestantes, que o reconhecimento externo foi assim consumado e as igrejas estão dispostas a conceder seu direito à nova ciência. Mas se depois desta concessão for novamente declarado que a pesquisa racial não deve ser dirigida contra o cristianismo, devemos dizer que isso ainda não foi feito.

“Acreditamos que as igrejas e todos os demais corpos espiritual-culturais, ainda que se sentissem no dever de atacar um ou outro ponto de nosso movimento, teriam todos os motivos para agradecer ao Führer deste Estado, tendo em vista o contínuo ressurgimento dos movimentos comunistas em outros estados, por tornar possível que pregassem sem qualquer perturbação nas suas igrejas. Esperemos que esta ativa gratidão interna seja cada vez mais introduzida entre os párocos e sacerdotes como condição para uma verdadeira pacificação, a que aspiram todos os possuidores de boa vontade, de toda a vida política e espiritual da Alemanha.

“O nacional-socialismo não tem culpa pela existência na Alemanha de várias confissões religiosas; não pode ser responsabilizado pela herança que vem de dois séculos ou até mais. Seu líder, portanto, adotou, como verdadeiro estadista e homem do povo, o ponto de vista de que o grande movimento de luta deve ser mantido à parte das diferenças particulares de opinião da vida religiosa. O NSDAP sempre se declarou disposto a proteger qualquer confissão verdadeiramente religiosa, que não contrarie os valores germânicos. Também podemos dizer com orgulho que o governo nacional-socialista foi o primeiro a proclamar mais uma vez essa proteção da religião contra o sistema até então dominante de 1918, em que todos os valores religiosos, quase fora da lei, foram entregues por escrito e no teatro ao escárnio mais insolente, entregues mesmo sob a colaboração política daqueles partidos burgueses que supostamente tinham assumido proteger o cristianismo.

“Devemos reconhecer a cada nacional-socialista, como pessoa, o direito de se posicionar sobre as questões religiosas concretas de nosso tempo, conforme ditar sua consciência. Este verdadeiro respeito interior por toda convicção religiosa profunda não tem nada em comum com um retorno ao liberalismo, como alguns setores se esforçam para apresentar, nada mais é do que o novo reconhecimento de um antigo traço de caráter germânico, segundo o qual os homens não devem se lançar à discórdia e lutas sangrentas. Essa antiga disposição de espírito dos Godos a Frederico, o Grande, é um mandamento também para o nosso tempo”.



Cerimónia Memorial do Massacre de Abbeville (1942)



Cerimônia religiosa da Legião Valônia em Brachovska (Rússia) em 1942.



Braços levantados, o povo saúda a Cruz, após a assinatura da Concordata com a Santa Sé, diante da catedral católica de Santa Edwiges, em Berlim (1933).

Também no “Nationalsozialistische Monatshefte” Rosenberg escreveu sobre o assunto. Especificamente, faremos referência a um extenso artigo sobre o assunto que apareceu na referida publicação em abril de 1931, ou seja, antes de chegar ao poder. O artigo intitulava-se “Zentrum und christlicher Volksdienst” e dizia entre outras coisas:

“O capítulo sobre nacional-socialismo e religião tem sido um tema de discussão constante desde o surgimento do NSDAP. Adolf Hitler se colocou desde o início do ponto de vista do estadista, que considera o fenômeno das diferentes confissões religiosas um fato e quer que o movimento político permaneça separado das lutas religiosas. Ter-se-ia de pensar que deveria ter sido satisfatório para cada denominação cristã ver a formação de um movimento operário pronto a lutar com todas as suas forças contra o

marxismo ateu destruidor da alma (seelentötenden atheistischen Marxismus); que, além disso, levantou o pensamento idealista contra a dominação de Mamom da nossa era e que, como Jesus em outro tempo, estalou o chicote contra os cambistas e mercadores. Mas aconteceu o contrário: de maneira calculista aquele partido que se proclama fazer apenas a política cristã, lançou-se na luta contra o nacional-socialismo e se colocou, cada vez mais à medida que se fortalecia, ao lado da social-democracia, inimiga de toda religião."

Depois de dizer que o Centro odiava o nacional-socialismo do fundo de sua alma "porque em seu exemplo vivo, a tolerância religiosa dentro de um partido foi realizada na prática de maneira exemplar", continua: "Diferenças de opinião sobre assuntos religiosos, competições filosóficas, tiveram que ser conduzidas fora da organização do partido. Assim que isso foi montado, assim que as SA vestiram a camisa marrom, não havia mais católicos ou protestantes, mas apenas alemães lutando pela existência e honra de seu povo. Nenhum camarada é questionado pelo NSDAP se é católico ou evangélico, se pertence à Deutsch-Kirche ou se é calvinista. Decisivo é apenas o trabalho a serviço da liberdade alemã. As feridas profundas da Guerra dos Trinta Anos foram finalmente curadas no movimento nacional-socialista, assim como as feridas da luta de classes marxista e burguesa começaram a cicatrizar. Surgiu então a luta concentrada de todos os arrivistas políticos, que absorveram o sangue dessas feridas do organismo popular em benefício de sua existência parasitária. Os marxistas gritavam "escravos do capitalismo", os líderes burgueses gritavam "bolcheviques nacionais", o Centro gritava "inimigos de todas as religiões".

"Se hoje o Centro declara com ousadia que o Nacional-Socialismo está organizando uma nova "Kulturkampf", isto é, que está preparando uma perseguição estatal à Igreja Católica, isso é um insulto falacioso da pior espécie. Por mais que o nacional-socialista pense particularmente em um ou outro dogma religioso, ele sempre rejeitou um ataque político a uma confissão e continuará a fazê-lo no futuro. Isso foi comprovado pelos fatos. O Centro fez o contrário: ele defendeu os dogmas católicos com os lábios, mas graças à sua aliança com o marxismo ele possibilitou ao marxismo desenvolver a propaganda ateísta sem impedimentos, fornecendo assim uma grande ajuda ao movimento bolchevique. O pressuposto para uma revolução religiosa é, portanto, o extermínio do marxismo e a aniquilação do Centro, já que na prática alimenta o movimento marxista."

Ele fala depois do “Christlicher Volksdienst” (Partido Confessional dos Protestantes, semelhante ao Centro), que ele também acusa de “trair tanto a ideia nacional quanto a cristã”.

“Diante dessa postura traiçoeira adotada pelos representantes políticos de ambas as confissões, influenciados pelo pensamento marxista, não surpreende que cresça a posição de distanciamento da Igreja, aumentando monstruosamente os setores dos adventistas”, “Ernste Bibelforscher” (Estudantes da Bíblia) etc. E que a Internacional Comunista dos ateus se prepara para a destruição organizada de todos os valores religiosos, e põe em marcha meios exorbitantes para este fim. O NSDAP também tomou uma posição contra estas forças destruidoras de pessoas (em Munique, as manifestações do “Bibelforscher” foram proibidas pelo governo do Bayerischen Volkspartei apenas após palavras claras e categóricas da nossa parte), mas o fato da propagação de todas estas correntes mostra a fraqueza do poder de atração interior dos atuais representantes das Igrejas católica e protestante”.

Mais tarde, referindo-se novamente ao Centro, ele diz que “na linha de frente da luta do Centro estão os padres católicos (padres patrióticos como o abade Schachleiter, o Dr. Haeuser em teologia, etc. Eles são simplesmente proibidos de falar). Isso é visto por pessoas em todos os lugares e aqui reside uma razão pela qual a crítica anti-religiosa cai em terreno fértil.”

Falando dos padres, Rosenberg diz que eles deixaram de ser o que tinham que ser: padres espirituais, zeladores de almas, para se lançarem na arena política e se aliarem a marxistas ateus. “A nação necessita hoje mais do que nunca de consoladores da alma humana, mas deve-se notar que o espírito odioso do Centro chegou a penetrar até mesmo naqueles setores que não se apresentam externamente como políticos. Pode acontecer, por exemplo, quando um pároco bávaro caluniou publicamente Adolf Hitler do púlpito, acusando-o de cuspir em um anfitrião. Acusado de calúnia, o pároco foi, no entanto, absolvido.

“O retorno à saúde na vida religiosa não ocorrerá até que o padre caia em si, ajustando-se ao mandato do chefe de sua Igreja. O mesmo vale, é claro, para os evangélicos.

“Não queremos limitar a força vital dos padres evangélicos ou dos católicos; mas o nacional, o social, o cultural em geral devem ser tratados a partir do púlpito da forma que a sua missão determinada exige. Aqui estão as grandes possibilidades, aqui também é a única fonte, para aprofundar e renovar a vida religiosa. É tão antinatural para um pároco ser membro do Parlamento quanto para um estadista querer sentar-se no confessionário. Na separação

organicamente fundada dessas esferas de trabalho está a primeira premissa de uma nova construção celular espiritualmente saudável da Alemanha".

Na obra já mencionada, "Wesen, Grundsatz und Ziele der NSDAP", ele especifica a diferença entre catolicismo e protestantismo, por um lado, e judaísmo, por outro, com as seguintes palavras:

"Por parte do Estado, o reconhecimento das comunidades morais e religiosas deve ser acompanhado pelo pressuposto prévio de que os fundamentos morais das comunidades em questão não estão em contradição com o sentimento moral e social alemão. Que este seja o caso, por exemplo, do judaísmo, é hoje cientificamente inquestionável. Isso exigiria, no entanto, uma verificação dirigida pelo Estado da maneira e dos lugares em que o Talmud, o Shulchan Aruch, por exemplo, tolera ou prescreve por meio de normas religiosas a fraude de judeus contra não-judeus".

Assim, a posição do nacional-socialismo em relação à Igreja não pode ser considerada uma questão tática. Uma anedota explica que quando se perguntou a um presidente americano porque é que essa nação apoiava Israel nas suas guerras ofensivas, ele respondeu dizendo que tinha vários milhões de eleitores judeus e apenas alguns árabes, e portanto, de acordo com os interesses eleitorais das maiorias, desde que os presidentes fossem eleitos democraticamente, a razão pertenceria sempre aos judeus. O nacional-socialismo poderia muito bem ter feito isso, mas não o fez. Ele enfrentou a maior, mais próspera e influente comunidade da Alemanha na época [11]. Se ele tivesse querido confrontar uma confissão em particular, não teria sido um esforço tão grande como a oposição ao judaísmo, mas ele não o fez. Não se pode dizer, portanto, que tenha sido por razões táticas, pois não há dúvida de que a principal teria sido ocultar a luta contra o judaísmo.

[11] A realidade deste fato é dada pelos seguintes números relativos exclusivamente a Berlim. Ressalta-se que as peculiaridades do povo judeu os levam para as grandes cidades, com 73% indo para elas, enquanto os não-judeus só vivem nas grandes cidades em uma proporção de 29%. Em Berlim, a mais importante cidade alemã, os judeus representavam 1% da população e eram 47% dos médicos, 37% dos dentistas, 32% dos farmacêuticos, 50% dos advogados, 14% dos diretores de palco, 2% dos atores, 45% dos diretores de hospitais, 50% dos diretores de teatro, 50% dos professores na faculdade de medicina, 25% dos professores de filosofia, 23% dos juízes e 91% na bolsa de valores. Enquanto a população agrícola na Prússia era de 29 por cento, a parte judaica era de 1,7%, inversamente no comércio, onde o total era de 17%, a parte judaica era de 59 por cento.

Em Nuremberg, Rosenberg declarou: “Pessoalmente proferi julgamentos severos contra as várias confissões, mas não encorajei qualquer propaganda de separação da Igreja, o meu objetivo era a liberdade de consciência... Como Ministro dos Territórios Orientais Ocupados, emiti um decreto prescrevendo a tolerância religiosa e estabeleci o culto em muitas igrejas fechadas durante a revolução bolchevique.” Ele também deixou claro que não pretendia criar nenhuma nova Igreja e acrescentou: “Os serviços religiosos nunca foram proibidos e, até o colapso final, a Igreja recebeu uma contribuição anual de 700 milhões de marcos do Estado”. Por outro lado, embora muitos o considerem ateu, ele, até o último momento, mostrou sua indignação com aqueles que assim pensavam.

E para completar a situação do nacional-socialismo em relação à Igreja, mencionemos Walter Gross. O Dr. Gross não pode ser considerado uma das personalidades mais relevantes do Nacional-Socialismo, mas na qualidade de Chefe do Escritório de Política Racial do Partido Nacional-Socialista, sua opinião complementa a de Alfred Rosenberg. Em seu livro “Der Rassengedanke im neuen Geschichtsbild” escreve: “O pensamento racialista não leva a sufocar e amortecer a vida espiritual e religiosa, mas leva a vida religiosa, além da luta das palavras, dos formalismos e sons vazios, tornando-se novamente possível no fundo da alma, sobretudo como força verdadeiramente vivificante e valiosa. É por isso que dizemos: ou nosso próprio povo se aprofunda cada vez mais no pensamento racial e se torna consciente da imagem de sua própria história em formas semelhantes, abrindo caminho também para uma renovação e aprofundamento religioso, ou continua a rejeitar o novo, com a persistência das ideias anti-racialistas de ontem, qualquer tentativa de inflamar ou mesmo apenas preservar a vida religiosa, seja de que forma for, está fadada ao fracasso para sempre.”

A profecia do Dr. Gross está se cumprindo, porque paralelamente à tendência anti-racialista na Igreja e precisamente por causa dos mais determinados adeptos de tal tendência, uma grave crise muito próxima do cisma está ocorrendo na Igreja.

Em seu trabalho “Die Grundlagen des Nationalsozialismus”, o Bispo Dr. Hudal apoia o Dr. Gross dizendo que “a questão racial e o cristianismo não precisam ser termos antagônicos”.

Por fim, Rosenberg foi também acusado da alegada intenção de criar não só uma nova Igreja, mas também de restaurar o culto dos deuses mitológicos nórdicos, que mencionámos de passagem no início. Um autor nacional-

socialista da época descreveu esse argumento de propaganda inimiga como uma "piada". Obviamente, é difícil fornecer evidências contrárias a tal afirmação, pois na maioria das vezes foram apenas os propagandistas democráticos e judeus que falaram sobre isso. Mas, mesmo assim, também em "Minha Luta" encontramos uma definição quando Hitler escreve: "Essas pessoas que sonham com o heroísmo dos antigos alemães, com suas armas primitivas, como machados de pedra, lanças e escudos, são na verdade os mais covardes. Porque as mesmas pessoas pregam para o momento apenas a luta com armas espirituais e fogem ao primeiro punho comunista... Já vi muito desse tipo de gente, para não dizer um profundo desprezo por sua miserável encenação. Para as massas da nação eles são apenas um objeto de ridículo; mas o judeu acha de seu próprio interesse tratar esses comediantes folclóricos com respeito e preferi-los a homens reais que estão lutando para estabelecer um Estado alemão.

"Especialmente quando se trata de reformadores religiosos baseados no velho germanismo, sempre tenho a impressão de que foram enviados por instituições que não querem o renascimento de nosso povo."

Alfred Rosenberg também nega categoricamente essa afirmação em seu "Mito", dizendo: "Wotan como forma de religião está morto. Com sua morte veio o crepúsculo dos deuses de uma era mitológica, uma era de simbolismo da natureza. Seu declínio já era sentido nos poemas nórdicos.

"Odin morreu e continua morto."



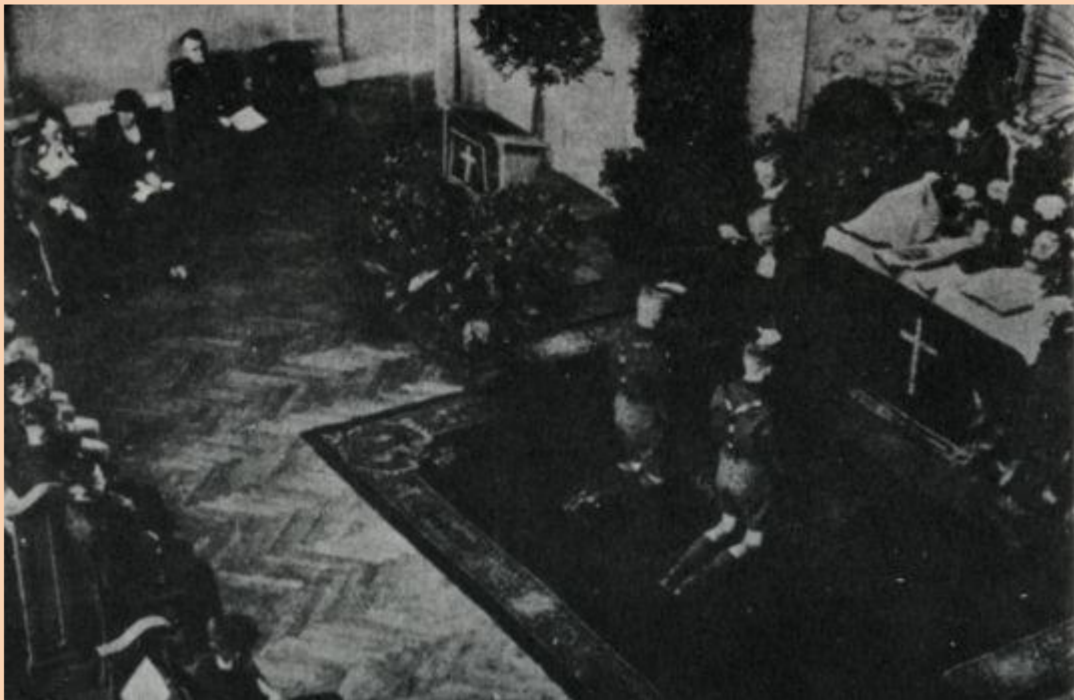
As forças SA deixam a igreja depois de assistir a um ato religioso.



O Führer cumprimenta o Núncio de Sua Santidade em München, Vassallo di Torregrossa, no Dia da Arte Alemã, 1933.



1 de março de 1935: Anexação do Sarre por voto livre da população nativa. O Prelado saúda com o braço levantado, ao lado do Gauleiter Bürckel, do Ministro Frick e de Joseph Goebbels.



O marechal Göring assiste à Cerimônia de Confirmação de seus dois sobrinhos.



Dom Dibelius é recebido com o braço levantado na saída de um ato religioso, acompanhado por Hindenburg, Göring, Neurath e Meissner, em Potsdam.

O CULTO RETOMA NA RÚSSIA ENQUANTO AS DIVISÕES EUROPEIAS PENETRAM NO TERRITÓRIO COMUNISTA.



Os atos religiosos são retomados nos territórios russos ocupados por tropas germano-europeias. Na foto, soldados alemães e população russa se misturaram em uma cerimônia religiosa.





Cerimônias religiosas realizadas em todo o território russo, na entrada das tropas antibolcheviques.



Comunhão para os soldados.



Cerimônia de casamento por procuração na Frente Oriental.



A missa recomeça em todo o país. Os soldados se misturam com a população nativa.



Missa no antigo teatro de uma cidade russa.

2- A POSIÇÃO DA IGREJA EM RELAÇÃO AO PARTIDO

A CONCORDATA

Já no primeiro ano do governo nacional-socialista, o que os governos anteriores não conseguiram foi alcançado: a assinatura de uma Concordata com a Igreja Católica. Essa circunstância jogou por terra as teorias democráticas de uma suposta inimizade entre os dois organismos. O escritor Jaspers escreveu claramente sobre sua desilusão dizendo: "Na primavera de 1933, o Vaticano concluiu uma Concordata com Hitler. Von Papen liderou as negociações. Esta foi a primeira grande confirmação do regime de Hitler. A princípio isso parecia impossível. Ficamos horrorizados."

Entre as várias seções da Concordata estava a regulamentação do imposto de culto e sua cobrança, e as diferentes proteções para a Igreja e seus ministros.

O imposto de culto não podia exceder 30 marcos por mês e era cobrado pelos cobradores do Estado. Nos casos de inadimplência, cabia ao Estado cobrá-lo e torná-lo efetivo, pois, segundo a Concordata, os ministros do culto gozavam da mesma proteção dos órgãos oficiais e do Estado que seus funcionários. No texto da Concordata pode-se ler: "Por força das normas da Concordata o hábito religioso será protegido por uma disposição civil, da mesma forma que os uniformes oficiais. As paróquias de ambas as confissões têm na Alemanha o caráter de Sociedades de Direito Público, que na prática se traduz como:

A) Poder fazer uso dos tribunais de justiça sem pagar as despesas processuais.

B) Em gozar da qualidade de pessoa colectiva, isto é, poder possuir terras, arrecadar heranças, etc.

C) No direito de recolher determinados impostos entre os paroquianos, para os quais o Estado coloca à disposição das Igrejas os seus próprios órgãos fiscais, que também os informam da base tributável de cada cidadão".

Este imposto representava entre 7 e 10 por cento do imposto geral sobre o rendimento.

Além de tudo isso, as igrejas, particularmente para atender às suas caridades, realizavam todos os anos coletas de rua e coletas domiciliares análogas às realizadas pela obra nacional-socialista "Ajuda de Inverno" (na qual também colaboraram entidades caritativas e eclesiásticas). Outra fonte de renda era representada pelas coletas que eram feitas todos os domingos na porta ou

dentro dos templos, coletas que estavam isentas da proibição de coleta, decretada há muito tempo para todo o território alemão. Além disso, o Estado pagava os salários dos párocos das paróquias cuja capacidade fiscal não era suficiente para tais atenções.

Os arcebispos alemães recebiam, anualmente, 36.000 marcos; os bispos 21.000, e os cânones uma soma que costumava exceder 1.500 marcos por mês. O Estado também custeou as despesas das faculdades de Teologia existentes nas universidades alemãs, que eram oito, além de outros seis centros menores.

O número de residências de ordens religiosas masculinas aumentou em 1939, em relação ao ano anterior, passando de 657 para 687. Em 1938, o número de membros sacerdotes era de 4.667 e em 1939 de 4.763. O número de noviços e candidatos a ordens religiosas aumentou de 2.980 para 3.718. O número de conventos e casas religiosas das ordens femininas passou de 7.758 em 1938 para 7.785 em 1939, enquanto o de irmãs passou de 95.248 em 1938 para 97.438 em 1939, e tudo isso em um único ano e após 5 anos de governo nacional-socialista. O número total de padres católicos subiu para mais de 34.000.

Hanns Kerrl, Ministro do Reich para os Assuntos Eclesiásticos, foi o maior promotor de boas relações entre as duas igrejas uma com a outra e com o Estado. Embora tivesse uma posição elevada dentro da SA, sua maior preocupação era o entendimento entre Igreja e Estado.

As medidas nacional-socialistas de apoio e cumprimento da Concordata foram abundantes e onde se tornaram mais evidentes foi na Segunda Guerra Mundial, embora a imprensa “aliada” vociferasse contra o nacional-socialismo por alegadas restrições na Polônia, não mencionou aquelas que realmente existiam na Polônia ocupada pelos soviéticos.

Precisamente na Polônia a obra do católico Dr. Hans Frank, comissário do chamado governo geral, era notória. Um decreto assinado por ele declarou vários feriados religiosos, como a Festa dos Reis, Segunda-feira de Páscoa, Ascensão, Todos os Santos, etc. e também autorizou a publicação de várias revistas religiosas como “O Mensageiro do Coração de Jesus” dos jesuítas, para citar um exemplo.

Do relato do padre Krawczyk, de Gross-Strelitz (Alta Silésia), extraímos o seguinte: “Na minha viagem ao Governo Geral visitei, entre outras, as cidades de Cracóvia, Tarnow, Przemysl, Siedlce, Varsóvia e Tschenstochau. Aproveitei

esta ocasião para visitar os Bispos ali residentes... No decorrer dessas conversas chegamos a tratar da situação eclesiástica, depois da nova ordem criada pelo Governo Geral. Destas conversas deduzi que, evidentemente, todos os prelados e sacerdotes estão convencidos de que o culto religioso se desenvolve em plena liberdade e que as práticas religiosas dos paroquianos não encontram qualquer tipo de dificuldade. O grande número daqueles que visitam as igrejas a qualquer momento é prova disso. Devido ao grande fervor religioso que existe, as igrejas ficam cheias durante as missas da manhã, bem como durante os atos religiosos à tarde e à noite. Os Bispos disseram-me que a vida religiosa aumentou muito em relação ao período anterior à guerra, experimentando um grande impulso, que pode ser visto, sobretudo, no número de comunhões administradas, batizados e casamentos... Esta atividade dos prelados em suas diferentes dioceses foi possível graças à boa disposição da administração alemã, que lhes deu permissão permanente para circular, apesar das limitações ao uso de automóveis, em decorrência da guerra, e até lhes forneceu o combustível necessário", e depois segue os relatos dos vários sacerdotes.

Numa carta que nunca foi publicada no jornal de Múrcia "La Verdad", o Sr. José Antonio Vidal Gadea, membro da Divisão Azul e Cavaleiro da Cruz de Ferro, confirmou o que foi dito e, neste caso, nos territórios sob Jurisdição de Rosenberg:

"Eu estava na linha de frente durante o mandato nazista e visitei (não apenas por desporto) vários hospitais localizados em cidades alemãs, bem como em países bálticos, e pude ver com os meus próprios olhos a celebração de Missas e Ofícios em templos cristãos, e a grande afluência de fiéis a eles. Um detalhe interessante é que as placas foram colocadas bem longe dos templos alertando para sua proximidade e ordenando o silêncio para não atrapalhar as práticas religiosas... Todas as unidades alemãs tinham capelães de acordo com o credo religioso de seus componentes... No equipamento dos combatentes católicos foi incluído um anel com uma "década" para a recitação do Santo Rosário".

Devemos acrescentar que, como se sabe, todos os soldados usavam a tradicional frase "Gott mit uns" (Deus conosco) em seus cintos e, como o jornal "Línea" publicou em 23 de março de 1941, treze padres católicos foram condecorados com a Cruz de Ferro. Infelizmente, as estatísticas globais não estão em nosso poder.

ALGUMAS OPINIÕES DE RELIGIOSOS

Outro aspecto interessante deste tópico emocionante é conhecer a opinião ou opiniões de vários padres sobre Adolf Hitler e sua política; sobre o mesmo homem a quem hoje são negadas missas em algumas dioceses.

No panfleto intitulado "Por que o Eixo vencerá a guerra? Controvérsia e razão para a Europa cristã", que passou a representar o modo de pensar de muitos padres, dizia:

"Se Hitler não tivesse forjado a Alemanha atual, a Europa estaria indefesa contra o comunismo, e como a ascensão de Hitler ao poder não pode ser humanamente explicada, devemos concluir que o Deus das Vitórias coloca Adolf Hitler no poder para ser o salvador da civilização e do cristianismo."

Por outro lado, Dr. Eleuterio Plátenes, presbítero Dr. em Sagrada Escritura e Línguas Orientais em sua obra "A vitória do Eixo contribuirá poderosamente para o desaparecimento do Cisma Oriental" escreveu:

"O Cisma Oriental cessará ou continuará ainda mais exacerbado, na medida em que o Eixo for vitorioso ou, ao contrário, a Inglaterra e os países aliados."

O Presbítero José Manuel Vega y Diaz, exclama em sua obra "A maldita praga do comunismo": "Que os exércitos do Eixo e seus aliados vençam e acabem com essa praga maldita que corroeu as entranhas da existência da humanidade!"

O reverendo M. Yate Allen, inglês, disse: "É porque sou sacerdote e porque acredito firmemente na religião cristã que me alegro e dou graças ao Todo-Poderoso pelo que foi realizado por Mussolini e Hitler", e o reverendo Geoffrey Dymock, vigário de St. Bede, Bristol, falando da Alemanha de Hitler, descreveu-a como "uma das grandes raças da Europa que conseguiu libertar-se das penas "laocontianas" da vil escravidão às finanças internacionais."

O Bispo Conde Edward O'Rourke, Bispo de Danzig por 7 anos, declarou quando a Polônia foi ocupada pelos alemães e enviado ao Vaticano, de acordo com seus desejos: "Devo reconhecer e destacar aqui acima de tudo o tratamento afável que recebi de todos os lados. A sua brilhante organização deve ser sempre objecto da minha maior admiração. Eu também vi durante meus sete anos de serviço em Danzig que esse estado de coisas, fundado em um direito público impossível, não poderia continuar. Os ditadores do Tratado de Versalhes cometeram muitos erros, mas um dos maiores foi, sem dúvida, a criação do Estado Livre de Danzig".

Em 20 de agosto de 1935, os bispos católicos alemães reunidos em Fulda enviaram a Hitler o seguinte telegrama: “Os bispos reunidos em Fulda enviam ao Führer do povo alemão o sentimento de fidelidade e respeito que, segundo a lei divina, devemos ao mais alto poder e dignidade do Estado” e em 18 de março de 1938, os bispos austríacos, no dia ocasião da reincorporação da Áustria ao Reich, enviou uma declaração ao Gauleiter Bürckel, que entre outras coisas dizia: “Reconhecemos com satisfação a relevante tarefa que o Nacional-Socialismo tem desempenhado e desempenha no campo da reconstrução popular e econômica, bem como sua política social para o império alemão e para seu povo, especialmente para as camadas populares mais pobres. Também estamos convencidos de que o perigo destrutivo do bolchevismo ateu foi repelido graças à ação do movimento nacional-socialista. Os bispos acompanham este trabalho para o futuro com suas melhores bênçãos e também alertarão os crentes a esse respeito. No dia do plebiscito é para nós, bispos, um dever nacional compreensível mostrar-nos alemães para o Império Alemão, e também esperamos que todos os crentes cristãos saibam o que devem ao seu povo. Firmado Th. Kard. Innitzer, A. Hefter, S. Waitz, Pawlikowski, Johannes Maria Gfollner e Michael Memelauer”. Esta declaração foi acompanhada da seguinte carta: “Caro Sr. Gauleiter: Anexo a declaração enviada dos bispos. Nele você verá que cumprimos nosso dever nacional voluntariamente e sem qualquer pressão. Sei que esta Declaração será seguida de uma boa colaboração. Com a expressão do meu maior apreço e Heil Hitler! Th. Kard. Innitzer.

Pouco antes do plebiscito que deveria decidir a união da Áustria ao Reich, os bispos alemães divulgaram o seguinte manifesto: “Depois de deliberações cuidadosas, os Bispos da Áustria decidiram dirigir o seguinte apelo aos nossos fiéis por ocasião dos grandes momentos históricos que o povo da Áustria está vivendo e com a consciência de que em nossos dias o anseio milenar do nosso povo pela unidade dos alemães num grande Império será realizado. Podemos fazer isso sem preocupações, pois o delegado do Führer para o plebiscito na Áustria, Gauleiter Bürckel, nos deu a conhecer a linha sincera de sua política, que deve estar sob o lema: “Dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César.” Viena, 21 de março de 1938. Pela diocese da Igreja de Viena Th. Kard. Innitzer. Para a diocese da Igreja de Salzburgo, S. Waitz, Príncipe Arcebispo”. Vale ressaltar que esta afirmação foi feita um ano após a publicação da encíclica “Mit brennender Sorge” que se manifestou contra o racialismo e, consequentemente, indiretamente contra o regime nacional-socialista.

O Núncio Pacelli — mais tarde Papa — disse a Hitler, por ocasião dos cumprimentos de Ano Novo — segundo o semanário "Der Ring" — "Vossa Excelência, o senhor é o salvador do povo alemão enviado por Deus".

Em 1942, por ocasião da guerra na Rússia, os bispos alemães declararam: "Uma vitória sobre o bolchevismo seria comparável ao triunfo do ensino de Jesus sobre os infiéis."

Outro texto interessante de se conhecer é o do padre de Breslau chamado Dr. Nieborowski que escreveu: "O triunfo de Hitler foi o triunfo do cristianismo ameaçado de perigo iminente na Alemanha e na Europa. Ela (a Igreja Católica) deve se ajoelhar para agradecer ao Todo-Poderoso por esta salvação... Aos nossos olhos, e no sentido cristão e católico, Hitler é um instrumento da Providência." Ele então descreve a renovação moral na Alemanha sob o governo de Hitler; o teatro se tornou decente, os números da criminalidade diminuíram, o número de fiéis aumentou nas igrejas, os padres conseguiram santificar centenas de uniões de coabitação através do casamento canônico e batizar milhares de crianças [12] que não o eram. Nas escolas católicas, aumentou o número de crianças que antes frequentavam escolas seculares. "O que muitas pastorais do mais nobre e mais elevado espírito cristão não conseguiram foi alcançado pelo apelo do Führer para restaurar a santidade da família na Alemanha". O artigo termina com a declaração: "É por isso que eu, como padre católico, me declaro de maneira franca e leal a Adolf Hitler, incluindo-o diariamente em minhas orações e sacrifícios".

[12] Foi durante o Nacional-Socialismo que se atingiu o maior percentual de casamentos, batismos e sepultamentos realizados por católicos antes da Igreja. É muito comum em países onde não existe homogeneidade religiosa que católicos ou protestantes esqueçam facilmente seus deveres religiosos. No entanto, durante o nacional-socialismo, além de aumentar o número de fiéis, 98% dos católicos também se casaram perante a Igreja, 99% das crianças nascidas foram batizadas e também 99% dos enterros foram celebrados através da Igreja.

Um livro que alcançou grande popularidade é o intitulado "Die Grundlagen des Nationalsozialismus", editado em 1937 e escrito pelo Bispo Dr. Alois Hudal. Do seu conteúdo muito interessante selecionamos alguns fragmentos. Entre os valores positivos do Nacional-Socialismo, Dr. Hudal destaca:

"Comunidade nacional superando os obstáculos dissociativos, a língua como espaço espiritual da nação, o forte anseio por um novo ideal alemão de vida, a consciência do destino alemão na história, a união com a própria raça, a tentativa de solução da questão judaica, a preocupação com as novas

gerações saudáveis, a destruição do partidarismo, a eliminação da confusão excessiva entre religião e política, o cuidado da família, a família numerosa como honra e orgulho nacional, a força defensiva para proteger as demandas vitais da política alemã contra uma Europa armada até aos dentes, a afirmação idealista da comunidade de destino alemã, a ideia de império, a renovação contínua da educação, o pensamento corporativo, o princípio aristocrático de chefia, bairros residenciais e de trabalho, política demográfica, tudo isso é uma ideologia conservadora que deve ser contada entre as forças poderosas e atrativas do movimento. Mas acima de tudo, o povo alemão deve agradecer a esse movimento espiritual por ter enterrado a ideologia dos direitos humanos que o edifício de Weimar trouxe, além da demolição da fé nas construções jurídicas formais, na dialética da democracia, da vida parlamentar que dominou até agora".

Monsenhor Hudal era da opinião e assim expõe no livro, sobre a crise religiosa na Alemanha Pre-Hitler: "Esta crise, que abala o homem alemão, não foi causada pelo nacional-socialismo. É o resultado do protestantismo liberal, do trabalho destrutivo do não-ariano Friedrich Strauss e de Nietzsche".

Molotov, perante o Comitê Executivo da Terceira Internacional disse:

"A revolução mundial corre o maior perigo se for alcançado um entendimento ideológico e organizacional entre os católicos e os fascistas. O Komintern deve impedi-lo, trazendo a luta entre essas duas potências para o solo alemão".

Consciente disso, o Dr. Hudal afirma que o confronto entre o nacional-socialismo e a Igreja Católica beneficia única e exclusivamente o comunismo, e por isso afirma que é dever dos cristãos e das cristãs "descobrir o caminho para a construção da obra cristã-nacional-socialista".

O Bispo Dr. Hudal afirma repetidamente no seu trabalho que não se pode afirmar que haja um confronto natural entre o Nacional-Socialismo e a Igreja. Existem questões altamente personalizadas, como o caso Rosenberg, por exemplo, e o de comunistas recentemente incorporados ao partido, porém, segundo Monsenhor Hudal não há confronto direto mesmo sobre questões tão sensíveis como o racialismo. A esse respeito, escreve: "A questão racial e o cristianismo não precisam ser nada antagônicos. Só onde começam os radicalismos surgem as lutas, os antagonismos e as dificuldades, pois o cristianismo é essencialmente harmonização, compensação e síntese do natural e do sobrenatural.

“A defesa da raça pode ser considerada, na medida em que se trata de impedir a mistura com vistas à procriação, como a legítima defesa de um povo sob certas condições. Também a Igreja Católica em sua legislação judaica, pensava de forma radical e consistente, até que no século XIX os muros do Gueto foram suprimidos pelo Estado liberal e não pela Igreja”.



Assinatura da Concordata entre a Santa Sé e a Alemanha. Na foto: Pio XII e Von Papen.



Benito Mussolini recebendo a bênção.

3- RELIGIÃO E POLÍTICA

Para terminar, devemos insistir neste fenômeno, bastante desconhecido na Espanha, como a luta política em nome de várias confissões religiosas. Isso deve necessariamente produzir inimizades e até ódios que, embora devam se referir apenas à política e aos padres ou religiosos comprometidos, muitas vezes se estendem indiscriminadamente a todas as confissões.

Já oferecemos muitas declarações de católicos em defesa do nacional-socialismo, agora também podemos citar os flagrantes ataques politicamente dirigidos por outros eclesiásticos católicos contra o nacional-socialismo (uma tarefa que outros livros já trataram), mas devemos reconhecer que se o "bayerische Klerusblatt" (12-4-39), declarou que "a sagrada providência de

Deus fez com que em uma hora decisiva a liderança do povo alemão fosse confiada a (Hitler)" e por sua vez o "Allgemeine Rundschau", do eclesiástico Moenius lançou ataques e calúnias contra o governo de Hitler, é pedir demais fingir que Hitler conseguiu acabar com as manifestações contraditórias de seus membros, se o próprio Papa não pôde evitar o de seus eclesiásticos, sendo sistemas autoritários e hierárquicos, logo são anulados neste ponto extremamente complicado... Todas as opiniões religiosas que possam ser oferecidas a favor ou contra o nacional-socialismo mostrarão que de um lado ou de outro a Igreja, ainda que indiretamente, atua na arena política, pelo menos seus dignitários, e isso, sem dúvida, prejudica muito mais a Igreja do que o nacional-socialismo. Queremos abster-nos de concordar com um ou outro sacerdote, não é a missão desta brochura, mas é claro que fica demonstrada a impossibilidade na Alemanha de evitar a intervenção religiosa na política e vice-versa; na verdade, este é o caso em todos os países.

Vários livros surgiram em todo o mundo sobre a relação entre a Igreja e o Nacional-Socialismo. Todos eles, sem exceção, tentaram atacar o regime de Hitler, mas ainda é curioso ver as diferentes visões sobre o assunto; enquanto o intitulado "Cristianismo no Terceiro Reich" finge que a Igreja era contra o nacional-socialismo, — seu único propósito é na verdade um ataque ao governo de Hitler e não uma defesa da Igreja —, o outro, intitulado "The Catholic Church and Nazi Germany" escrito pelo judeu Guenter Lewy e publicado em 1964 (Nova York-Toronto) — cuja única intenção é também o ataque ao nacional-socialismo — toma a posição oposta e diz: "Os bispos, muitos membros do baixo clero e seus paroquianos, concordaram em muitos objetivos com os nazistas. Eles saudaram o anticomunismo dos nazistas como um contrapeso às correntes liberais, anticlericais e ateístas da República de Weimar. Eles foram atraídos pelo movimento nacional-socialista para um Estado forte, para um novo Reich alemão que voltaria a ser uma potência mundial e capaz de resolver problemas sociais e econômicos prementes. Alguns homens da Igreja também esperavam que um fortalecimento do Estado e a introdução do "Führerprinzip" (princípio de liderança) levassem também a um fortalecimento da autoridade da Igreja", vemos assim como podem ser diferentes dois caminhos que chegam à mesma conclusão.

Todos os livros escritos até hoje são baseados em documentos inéditos ou secretos, em declarações falsas e ocultas ou em medidas isoladas. Nenhum deles cita tudo o que está exposto aqui, ou seja, algo extremamente fundamental como a opinião dos líderes Nacional-Socialistas ou o conteúdo dos pontos programáticos. Eles sustentam todos os seus argumentos em

casos pessoais, em julgamentos contra um religioso, em uma certa advertência ou frases curtas tiradas de livros de pessoas que, embora membros do NSDAP, nunca se destacaram. Diz-se que muitos padres foram julgados, mas o motivo não é explicado; Diz-se também que a Juventude Hitlerista cantava canções ateístas, mas os livros oficiais desses jovens estavam cheios de canções de louvor a Deus e nenhuma de natureza pagã; Sempre falam de "muitos", "muitos poucos", "quase todos", "a grande maioria", mas nunca se referem a medidas ou leis de natureza geral. Chega a ser citado como extraordinário o texto de uma sentença promulgada contra um religioso, em que se lê: "devido à propagação entre o povo de tendências que se caracterizam como expressão de insatisfação com a nova ordem de coisas e que, por isso, se destinam a preparar o terreno para o reaparecimento do marxismo... favorecendo, pelo menos indiretamente, as aspirações comunistas, mesmo quando os próprios círculos afetados por tal ordem se opõem ao comunismo, que nega a existência de Deus".

Trinta anos atrás, isso poderia parecer ilógico, mas hoje, quando sabemos que Santiago Carrillo pretende colaborar com a Igreja Católica — com alguns de seus ministros, é claro — para alcançar seus objetivos, percebemos que medidas como a mencionada foram muito bem sucedidas para salvaguardar a integridade do Estado daqueles sacerdotes que se dedicaram à política.

O próprio Francisco Franco reconheceu que uma certa hostilidade contra alguns religiosos na Alemanha era lógica, devido à participação — insistimos mais uma vez — do catolicismo e, em última análise, das igrejas na política. No entanto, o governo alemão, como apontou o padre Nieborowski no referido artigo, ao melhorar as condições morais, beneficiou os sentimentos religiosos. Não é estranho então que alguns padres tenham preferido uma "ditadura" moral a um liberalismo imoral.

Os fatos são óbvios. Durante uma exposição em Munique, uma imagem verdadeiramente vergonhosa de Cristo Crucificado foi retirada da galeria devido à intervenção dos nacional-socialistas; No entanto, em Berlim, alguns anos antes, em plena democracia, o cristianismo e a Igreja Católica foram ridicularizados da maneira mais vergonhosa e escandalosa em uma "Exposição de Livres Pensadores Internacionais" no verão de 1930, sem qualquer reclamação do Partido do Centro supostamente católico.

Muitos anos depois, em 1967, com a "liberdade" restaurada na Alemanha, outra exposição apresentava uma série de caricaturas obscenas, uma das quais mostrava o Cristo crucificado piscando para uma freira que retribuía

mostrando o seu peito nu. Cada um tire suas próprias conclusões sobre isso. Em 1930, como em 1967, ninguém protestou, pois só o Partido Nacional-Socialista poderia fazê-lo; Para os outros, zombar de qualquer coisa, inclusive de Cristo, constitui um sinal de liberdade; Para o Nacional-Socialismo, pinturas blasfemas significam um insulto a todos aqueles que por centenas de anos morreram em defesa dos ideais do cristianismo.

Por outro lado, as estatísticas são muito eloquentes, extraordinariamente eloquentes. Durante a República de Weimar, antes do nacional-socialismo e sob governos teoricamente católicos e democráticos, cerca de 60.000 pessoas se retiraram da Igreja em Berlim. Após um único ano de governo nacional-socialista, 64.000 pessoas retornaram à Igreja e hoje, fora do nacional-socialismo novamente, a Igreja Católica continua a ter baixas, em 1960 eram 4.000, em 64 chegaram a 7.491 e em 1966 8.990; por outro lado, quase 30 anos após o fim da guerra, em Berlim Ocidental o número de Igrejas é menor do que em 1939 (na parte correspondente à área atual), embora a população tenha aumentado. Não há necessidade de mencionar Berlim Oriental.

O ex-cônsul geral Boediker em Hamburgo, que foi por muitos anos membro do Partido Católico do Centro, afirmou que as aspirações religiosas, eclesiásticas e morais do partido foram substituídas pelos novos líderes e os repreendeu pelo fato de que, com sua colaboração ou seu consentimento, o jovem foi educado em conceitos materialistas; o ensino da religião nas escolas foi abolido (o governo nacional-socialista o restabeleceu), semanas de propaganda ateísta foram permitidas; sob o chanceler Brüning, um membro do partido católico, as estações de rádio estatais foram usadas pelos marxistas para esta propaganda ateísta.



Capelão militar em seu uniforme habitual.



Capelães do Exército Alemão: Uniformes de oficiais sem emblemas; Cruz gótica católica entre a águia com suástica no CAP e roseta, com o crucifixo pendurado no pescoço.



Uniforme de gala para capelães militares.

Durante o governo de Hitler, os tribunais de justiça foram obrigados a proceder contra certas ordens religiosas, por crimes da legislação sobre letras de câmbio. Aproveitando-se de tais e semelhantes acontecimentos, bem como de algumas divergências na aplicação da Concordata, os jornais empreenderam uma grande campanha contra a Alemanha.

Em vários casos os tribunais de justiça foram obrigados a proferir sentenças, mas numerosos padres, instigadores políticos, conseguiram passar toda a

guerra em liberdade, enquanto o mesmo crime cometido por um civil era extremamente grave. Em 1933, na praça da ópera em Berlim, foram queimados os livros dos autores que o nacional-socialismo considerava perniciosos; os autores, no entanto, permaneceram vivos e, no final da guerra, dedicaram muitos escritos para difamar o regime de Hitler que não tinha mais uma representação oficial que pudesse protestar. A mesma coisa aconteceu com os padres, apesar de seu trabalho político destrutivo, mesmo durante a guerra, eles não foram fuzilados pelo nacional-socialismo, que lhes permitiu depois da guerra, escrever livros e mais livros contra o regime alemão.

Em 1946, os aliados, ingleses, russos e americanos, encontraram uma solução melhor do que queimar livros, queimaram os autores e, assim, as cinzas de Rosenberg que, como Streicher, eram escritores que só podiam ser julgados pelo que haviam escrito, foram jogadas no rio Isar, juntamente com os de outros líderes nacional-socialistas executados em Nuremberg, para que não houvesse resto deles na terra. Agora, depois de mais de um quarto de século, os livros nacional-socialistas ainda são proibidos na Alemanha democrática de hoje.

A campanha desencadeada contra a Alemanha fez com que vários jornais alemães tratassem do assunto. Um berlinense perguntou: “Em que região da Alemanha os padres católicos foram maltratados publicamente, como foi feito na Escócia? Em que cidade alemã as mulheres e crianças católicas foram maltratadas por causa da sua fé, como acaba de acontecer na Irlanda, derramando gasolina sobre elas? Nos EUA há vítimas diárias da luta racial. No norte da África, 145 judeus acabaram de ser assassinados. Na Áustria os protestantes são obrigados a participar das procissões católicas...”

Permitimo-nos acrescentar que a violência racial nos Estados Unidos continua, embora mais exacerbada; os ataques contra a Igreja Católica na Irlanda continuam tão duros como sempre; Também vale a pena lembrar os assassinatos ocorridos no Congo ou na China, e as perseguições contra os católicos em Israel, sem esquecer — como se pretende — os que acontecem, também hoje, contra católicos, na Rússia e países satélites e, claro, os crimes horríveis cometidos pelo bolchevismo, os estupros de freiras que só em Neisse (uma cidade da Silésia) foram 182, etc. É, portanto, espantoso que, dia após dia, as igrejas, pelo menos alguns dos seus dignitários, desejem a reconciliação com o comunismo. Parece hoje impossível condenar o Nacional-socialismo, que, seja como for, não pode perseguir os sacerdotes, pois como Estado não existe, mas tenta-se a fraternidade com os verdadeiros criminosos religiosos, que nunca negaram a sua posição anti-religiosa. A situação política

e religiosa das nações ocidentais confirma o que Hitler disse em um discurso quando desconsiderou o destino de um país em que o martelo e a foice são considerados compatíveis com a cruz cristã. Tal havia acontecido na Inglaterra onde, em certas igrejas, o martelo e a foice presidiram as cerimônias religiosas.

O escritor Ludwig Eckhart escreveu sobre esse viés flagrante: "Todos esses fatos são silenciados na imprensa mundial ou apenas notícias curtas são dadas. Na Alemanha, a violência nem sequer foi usada, muito menos houve vítimas na luta racial ou por divergências religiosas. No entanto, a imprensa mundial diariamente enche suas colunas com supostas atrocidades nazistas"; este fragmento foi escrito em 1938, ou seja, quando a Alemanha ainda era capaz de se defender. Não é estranho que agora, quando todos os líderes estão mortos, o número de histórias falsas continue a crescer.

O referido escritor continua a dizer: "Os interessados nesta campanha de difamação podem aprender sobre essa campanha difamatória conhecendo a composição de um "Comitê para ajudar os cristãos perseguidos na Alemanha", que foi formado em Nova York, cujo conselho inclui nove judeus, incluindo o Chefe da Conferência Central de Rabinos Americanos.

"É uma pena que esses nobres cavalheiros tenham descoberto seu amor pela religião cristã tão tarde, quando Hitler já a protegeu com suas próprias mãos.

"Antes de Hitler chegar ao poder havia uma oportunidade de defender a religião cristã, porque então os chamados poetas judeus, que hoje se exilaram voluntariamente, constantemente caluniavam e ofendiam a religião cristã? Nesses anos, os judeus gozavam de proteção especial do governo e, em caso de dúvida, os tribunais eram obrigados a consultar organizações judaicas se fosse uma ofensa à religião judaica. Mas em vão um deputado nacional pediu ao Parlamento que instaurasse um julgamento contra um "poeta" judeu por ter ofendido a Virgem em sua poesia. Qualquer observador mediano verá que tudo o que foi dito se aplica à nossa era de "liberdade" ocidental.

O pensador português Antonio José de Brito respondeu às acusações de tendências anti-religiosas no "fascismo" da seguinte forma na revista "Agora" de 25-11-67:

"Não deixei de expressar o meu horror por ver o fascismo descrito desta forma e objetei que não tinha conhecimento de qualquer perseguição autêntica contra a Igreja na Itália do Duce e no Reich hitleriano. Pois não era verdade que a Igreja havia concluído concordatas com esses Estados, ainda em vigor

hoje, cuja validade defende firmemente? Pois não é verdade que cardeais e bispos, como von Galen e Faulhaber, por exemplo, permaneceram livres em suas dioceses de 1933 a 1945, apesar de suas acusações de protestar contra o regime de Hitler? Onde você viu na Alemanha e na Itália fascista, a prisão dos prelados e seu exílio que caracterizou nossa república democrática? Onde vimos a expulsão das ordens religiosas que marcaram a tão democrática Terceira República Francesa? E onde é que os massacres de eclesiásticos que caracterizaram a república espanhola, pelos quais os senhores Bermanos, Mauriac e o ultra-famoso e citado senhor Jacques Maritain sentem tanta simpatia, até vislumbram? Houve atrito na Alemanha do Führer e na Itália de Mussolini, entre o poder temporal e o poder espiritual? Sem dúvida. Mas ninguém se lembra de proclamar a democracia perseguindo a Igreja pela expulsão das ordens religiosas, pelos massacres de religiosos e religiosas, cometidos pelas democracias portuguesa, francesa e espanhola. Por que devemos proclamar o fascismo como anticatólico por causa de incidentes ocorridos na Alemanha e na Itália, e que não foram tão graves quanto os que ocorreram em monarquias muito cristãs, com excomunhões de reis e tudo mais?."

Quando Hitler falava do Todo-Poderoso e da Cruzada contra o bolchevismo, não pretendia buscar argumentos "táticos" que justificassem determinada posição; o homem que então dominava metade do mundo não precisava de táticas, falava com sinceridade e era seguido com sinceridade por milhões de europeus. Ampliar este pequeno trabalho sobre a ideologia dos diferentes grupos "fascistas" do mundo seria ir além dos limites que nos impomos, porém um simples olhar para três números escolhidos aleatoriamente (os únicos que conseguimos consultar) da revista "Young Europe" editada pelo governo nacional-socialista e na qual escreveram pessoas de toda a Europa, podem oferecer-nos uma pequena amostra;

Leon Degrelle, chefe dos fascistas belgas, escreveu: "Participamos desta grande ofensiva contra a Rússia dos soviéticos porque para nós a Europa é um conceito sacrossanto. Cada Igreja, cada casa na Europa é também a nossa casa."

O professor Mihai A. Antonescu, vice-presidente do Conselho de Ministros da Romênia, escreveu em um artigo intitulado "A Guerra Santa":

"A família, propriedade e Igreja foram consumidos no fogo da quimera religiosa do comunismo. A partir de agora nunca mais existirá. Acredito que desde as

sublimes campanhas dos cruzados não houve luta tão santa, tão grande e tão importante quanto a empreendida por Adolf Hitler.”

O católico Dr. Ante Pavelic, primeiro-ministro da Croácia, termina um de seus artigos na referida publicação dizendo: “O grande Império alemão, o grande povo alemão, sob a liderança do Führer, que a Divina Providência concedeu à Europa, sempre terá um colaborador sincero no povo croata.”

Dr. A. Tallefsen, comandante da Legião Norueguesa, escreveu por sua vez: “O bolchevismo carrega dentro de si o germe do fracasso porque é construído sobre o ateísmo e a concepção materialista da vida e destruiu todos os valores éticos e morais...”

Ao chegar às cidades bálticas, as tropas alemãs foram recebidas como libertadoras, em todos os lugares receberam cartas de agradecimento da população, e entre elas a de Varena é a que reproduzimos: “Pedimos ao Senhor, pelo povo alemão, por seu digno Führer, por seus soldados invencíveis e por sua vitória nesta guerra santa.”

O professor holandês Jan de Vries escreveu, entre muitas outras coisas, um artigo dedicado a exaltar a importância do cristianismo: “No dualismo do céu e da terra é justo que o céu tenha a preferência. Embora separado do mundo, o cristianismo acendeu uma luz radiante diante dos olhos da humanidade. Não queremos nem podemos prescindir do desejo de um paraíso celestial e também não poderíamos imaginar nossa vida espiritual europeia, sem Santo Agostinho, Tomás de Kempen, Dante...”

O Prof. Dr. Sandor Varga v. Kibed, um dos mais importantes representantes das ideias nacionalistas revolucionárias húngaras escreveu: “A vida humana é uma combinação de elementos materiais e espirituais. A cultura nasce quando o espírito se revela sobre o domínio da matéria. A morte é a glorificação do herói, a justificação suprema de sua vida, enquanto para o materialista significa o fim, o extermínio.”

Mach, Ministro do Interior da Eslováquia disse: “Deus e a nação nos chamam para cumprir o dever que a honra nacional nos impõe. A honra eslovaca nos ordena esta guerra e nós obedecemos a este sublime mandato.”

Cyriel Verschaeve, da Flandres, escreveu: “Graças a Deus Todo-Poderoso, a Europa está mais uma vez sonhando.”

Além destes, as referidas revistas reproduziram artigos de espanhóis como Alfredo Marquerie, Juan Carlos V illacorta, José María Pemán e Antonio Tovar, entre outros, sobre os quais não oferecemos suas opiniões, que, no entanto, seguem a mesma linha de os anteriores.

Acreditamos que é suficientemente claro que todos os líderes fascistas durante a Segunda Guerra Mundial proclamaram sua condição de crentes convictos aos quatro ventos e atrás deles estavam milhões de homens dispostos a segui-los. São fatos que ninguém pode apagar, já estão escritos na história, naquela mesma história que caluniou Napoleão para depois enaltecê-lo; naquela história que falava da selvageria alemã na Primeira Guerra Mundial, e que depois se retratou, ou naquela história que veio escrever "lendas negras" sobre países e regiões, mas que acabou derrotado pela verdade porque, como disse Schopenhauer: "Uma doutrina errônea concebida por falsas opiniões, ou por má intenção, só é válida em circunstâncias especiais e por certo tempo; mas a verdade é para sempre, mesmo que seja desconhecida por um tempo e afogada. Pois basta que exista um pouco de luz no interior, e um pouco de ar do exterior, há alguém que a proclame e defenda. Por não ter surgido do interesse de nenhuma parte, assim, um chefe admirável se transforma em defensor da verdade a todo momento. Porque se assemelha ao ímã, que sempre e em toda parte indica uma direção absolutamente determinada; mas a doutrina que é errônea é como uma estátua, que indica com a mão outra estátua, perdendo toda a sua importância uma vez separada dela."

4- EPÍLOGO

Hoje a situação é claramente muito diferente da dos anos 1940; talvez com sentimentos nacionais as crenças morais do indivíduo tenham sido enfraquecidas. Em 1944, já em derrota, a publicação católica "Münchner Katholische Kirchenzeitung" escreveu sobre o atentado contra a vida de Hitler: "O cardeal Faulhaber expressou ao Führer suas felicitações e a de todos os bispos da Baviera por sua salvação do grande perigo. Entre os solenes serviços divinos na Catedral de Munique, foi celebrado um Te Deum para agradecer à providência divina, em nome da Arquidiocese, que o Führer escapou ileso do ataque criminoso". Podemos supor que quando pediam que a vida de um homem fosse preservada, pediriam, nos dias de hoje, que a sua alma alcançasse o perdão divino; mas, a lição da história, não é assim. Hoje é possível que houvesse quem realizasse atos para condenar Hitler se existissem, e é até muito provável que esses mesmos que hoje gostariam de

ver Hitler condenado, nos anos quarenta eram nacional-socialistas de alto escalão ou membros de outros partidos "fascistas" aos quais aderiram como oportunistas, hoje repudiando o que disseram ontem e adaptando-se constantemente às circunstâncias.

Todos esses homens que pretendem viver eternamente conforme o que está na moda, sem nunca declarar sua coragem, defendendo honestamente o que é justo, um dia encontrarão em seu túmulo o triste epitáfio que Quevedo escreveu:

"Os vermes da terra comem o corpo que este mármore fecha; Mas os da consciência nesta calma, já fartos do corpo, comem da alma."

Num panfleto publicado na Espanha e sem autor, podemos ler: "O verdadeiro crente não poderá esquecer a fúria com que os inimigos da religião, os Vermelhos, distinguiram a Alemanha e a Itália. E por imperativo da mais grave equidade, pois devo ao Eixo que possa ouvir Missa, receber os Sacramentos e auxílios espirituais; já que, graças à sua colaboração, os templos que os anfitriões de Negrín, de quem Churchill é apoiante, incendiou ou demoliu, podem ser reconstruídos, e tenho que agradecer ao Eixo pelo fato de o meu povo continuar sendo crente."

Mas quando Hitler em 17 de Maio de 1933 apelou ao desarmamento ("a Alemanha estará sempre preparada para renunciar às armas de ataque"), diz-se que ele estava realmente se preparando para o rearmamento, e se, por outro lado, quando Churchill pede o rearmamento ("Temos que nos rearmar!") em 16-10-38, é assegurado que ele queria o desarmamento, nesse caso, tudo o que foi escrito até agora pode ser anulado, e o mesmo pode acontecer com a História Mundial.

BIBLIOGRAFIA

Enciclopedia Espasa.

“Por qué el Eje ganará la guerra”.

“El Cristianismo en el Tecer Reich” (2 tomos).

“Discursos”, Francisco Franco.

“Discursos”, Adolf Hitler.

“Discursos”, Heinrich Himmler.

“Documentos sobre los antecedentes de Guerra” (Ministerio del Reich).

“Derrota Mundial”, Salvador Borrego.

“Der Bolschewismus von Moisés bis Lenin”, Dietrich Eckart.

“The Fascist in Britain”.

“El Bolchevismo en la teoría y en la práctica”, Joseph Goebbels.

“Mi Licha”, Adolf Hitler. (“Mein Kampf”, edição 1933).

“A Reeducagao e Democratizagao da Alemanha”, Dr. J. App.

“Hitler”, Scheid.

“Das Programm der NSDAP”, Gottfried Feder.

“Das Junge Deutschland will Arbeit und Frieden”.

“Cuatro años al lado de Hitler”, Zoller.

“La Revolución Nacionalsocialista”, Vicente Gay.

“Tatsachen und Zahlen über Deutschland”.

“Yo fui amigo de Hitler”, Heinrich Hoffmann.

“Cuatro años de Alemania de Hitler”, Cesare Santoro.

“Cuatro años de gobierno de Hitler”, Eckehart.

“Der Mythus des XX Jahrhunderts”, Alfred Rosenberg.

“La Espada sobre la Balanza”, Springer.

"Comunismo y Religión" (La doctrina y acción soviética enjuiciadas por sacerdotes españoles).

"Deutschland von heute".

"El Tercer Reich", M. Cruchaga.

"Kampf und Spiel".

"Lo que el mundo no quería", F. Stieve.

"Hitler wie ihn keiner kennt", Heinrich Hoffmann.

"La situación religiosa en Polonia".

"El Nacional Socialismo expuesto por Hitler", E. González.

"Der Parteitag der Freiheit" (Colección de discursos, Congreso 1935)

"El Tercer Reich", H.S.Hegner.

"La Iglesia Católica en Polonia", Krawczyk.

"Adolf Hitler" (Bilder aus dem Leben des Führers)

"Adolf Hitler", Walter Herbert, Górlitz, Quint.

"Wesen, Grundsaẗze und Ziele der NSDAP", Alfred Rosenberg.

"El comunismo sin máscara", Joseph Goebbels.

"Gestaltung der Idee", Alfred Rosenberg.

"Cartas desde la celda siete", Rudolf Hess.

"Nationalsozialismus und Katholische Kirche", J. Stark.

"Christentum im Nationalsozialismus", J. Kuptsch.

"Der Nationalsozialismus vor des Gottesfrage", H. Schreiner.

"Die Hitler-Jugend", Baldur von Schirach.

"Hitler", Neumann.

"Hitler", A. Bullock.

"Reich und Kirche", Aschendorff, Múnster i. w

"Gott und Nation", Walter Grundmann.

"Die grundlage des Nationalsozialismus", Alois Hudal.

"Nationalsozialismus und Kirche", Joseph Lortz.

"Reden", Rudolf Hess.

"Reden", Hermann Göring.

"Hitlers Wollen", Werner Siebarth.

"Adolf Hitlers Reden'", Dr. Ernst Boepple.

"Blut und Ehre", Alfred Rosenberg.

"Der Rassengedanke im neuen Geschichtsbild", W. Gross.

"Der Angriff", Joseph Goebbels.

REVISTAS E JORNAIS

Agora, Volkischer Beobachter, Línea, Nationalsozialistische Monatshefte, Deutsche Kommentare, Kommentare zum Zeitgesehen, Stern, Destino, Diario de Barcelona, Freude und Arbeit, Arriba, En Pie, Lectures Francaises, Der Auslandeutsche, Vértice.



TRADUZIDO POR: BIBLIOTECA NACIONALISTA E REVISIONISTA - REVELANDO O OCULTO

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES!!!